

Caderno

# OLHARES DOCENTES

ISSN 1983-2354

Suplemento

Ano XIII - n. 36, dez. 2020

**EIXO**

**LETRAS/LITERATURAS**

Textos complementares

*Reflexões para a luta antirracista*

**Quissamã**  
**2020**

## SUPLEMENTO

Cadernos Olhares Docentes  
Eixo – Letras/ Literaturas

**Foto da capa:** Haroldo Castro

**Descrição:** A imagem apresentada na capa é conhecida como Alameda dos Baobás em Madagascar. Árvore grandiosa, símbolo da diversidade da ilha no oceano Índico.



## REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES

### - DIRETORA GERAL E EDITORA CHEFE

Nágila Oliveira dos Santos

### - DIRETOR EXECUTIVO

André Luiz dos Santos Silva

## SUPLEMENTO CADERNOS OLHARES DOCENTES

### - DIRETOR GERAL

- João Leandro Neto

### - COORDENAÇÃO EDITORIAL

#### Editores Responsáveis - Educação

- Cristina Aparecida Silva - UNAEP

- Jonathan Machado Domingues - UFSC

- Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini - UFT

- Vânia Rodrigues - UFTM

#### Editores Assistentes – Educação

- Edwilson da Silva Andrade - SEEDUC/RJ

#### Editores Responsáveis - História/Cultura

- Antonio Jeovane da Silva Ferreira - UNILAB

- Maíza da Silva Francisco – UFRRJ e CEDERJ

- Paulo César Alves Garcia – UNILAB

#### Editores Assistentes – História/Cultura

- José Manuel Mussunda da Silva - UNILAB

#### Editores Responsáveis Literatura/Letras

- Edna Sousa Cruz - UEMASUL

- Mariana Fernandes dos Santos – IFBA

- Márcia Neide dos Santos Costa - UEFS

#### Editores Assistentes – Literatura/Letras

- Daniel de Jesus Santos Costa – GDF

- Ernani Silvério Hermes - SMEC CG

- Leandro Rodrigues Nascimento da Silva - UFRRJ

### EQUIPE DE REVISÃO DE NORMAS E REFERÊNCIAS

André Luiz dos Santos Silva

Luane Neves de S. Porto

### Indexadores:



## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL .....</b>	<b>05</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>PARTE I – LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....</b>	<b>07</b>
<b>O poder da escrita .....</b>	<b>09</b>
- Nathália Pereira Simões	
<b>Longe de uma visão branca eurocêntrica.....</b>	<b>11</b>
- Karla Gushiken Nishijima	
<b>Ser voz de quem ainda não é ouvido .....</b>	<b>15</b>
- Luísa Carla Fontoura de Maia	
<b>A singularidade da obra de Carolina Maria de Jesus.....</b>	<b>18</b>
- Martha Caroline Duarte de Brito Freitas	
<b>Idas e vindas nos becos das memórias evaristianas.....</b>	<b>20</b>
- Isadora Pessoa Fernandes	
<b>Descobrimo Carolina Maria de Jesus: a escritora do Planeta Fome .....</b>	<b>22</b>
- Maria Helena dos Santos Gonçalves	
<b>Pode a mulher negra falar?.....</b>	<b>25</b>
- Aline Rocha Bezerra	
<b>A importância da literatura negra nos espaços de aprendizagem.....</b>	<b>28</b>
- Flávia Khaerlen Forte Pessoa	
<b>Conceição Evaristo: a “mitopoética” de si no discurso .....</b>	<b>30</b>
- Anselma Garcia de Sales	
<b>Brasil e a África Lusófona: uma relação em comum que vai além da Língua Portuguesa.....</b>	<b>32</b>
- Karla Gushiken Nishijima	
<b>Literatura e política.....</b>	<b>34</b>
- Isadora Corrocher Santos	
<b>Carolina Maria de Jesus, PRESENTE.....</b>	<b>36</b>
- Andreia Teixeira Ramos	
<b>PARTE II– LITERATURAS AFRICANAS</b>	
<b>A poesia lírica testemunhal de Odete Costa Semedo: resistência, ancestralidade e identidade.....</b>	<b>40</b>
- Andréa Pereira Cerqueira	

<b>Chimamanda Adichie e sua literatura de resistência e combate .....</b>	<b>42</b>
- Andréa Pereira Cerqueira	
<b>A Negritude como ligação entre diferentes formas artísticas .....</b>	<b>44</b>
- Karla Gushiken Nishijima	
<b>O insólito como forma de resistência .....</b>	<b>46</b>
- Andréa Pereira Cerqueira	
<b>Uma reflexão sobre a questão pós-colonial na literatura angolana.....</b>	<b>48</b>
- Wellyson Gomes dos Santos	
<b>O eu poeta e o eu homem comum, faces da poesia de Eduardo White.....</b>	<b>50</b>
- Priscila Finger do Prado	
<b>A construção da imagem dos moçambicanos na obra de Chiziane .....</b>	<b>52</b>
- Cibélia Renata da Silva Pires	
<b>Reconstruir a tradição.....</b>	<b>54</b>
- Alexandre Rodrigues da Silva	
<b>A nação e a fala de si.....</b>	<b>57</b>
- Anselma Garcia de Sales	
<b>Colonialismo e pós-colonialismo em Mia Couto .....</b>	<b>59</b>
- Anselma Garcia de Sales	
<b>Algumas reflexões sobre a obra de Ana Paula Tavares .....</b>	<b>61</b>
- Yasmim Fonseca Amaral	
<b>Odete Semedo: reflexões, inquietações e contribuições .....</b>	<b>63</b>
- Michael de Assis Lourdes Weirich	
<b>Da oralidade à prosa escrita de Paulina Chiziane .....</b>	<b>65</b>
- Lucas Neiva da Silva	
<b>Passado, memória e história em Paulina Chiziane .....</b>	<b>67</b>
- Lucas Neiva da Silva	

## EDITORIAL

5

A edição de dezembro da seção Olhares docentes está repleta de interessantes reflexões sobre as literaturas africanas de língua oficial portuguesa, em especial as de Angola e de Moçambique, e a produção literária de escritores negros do Brasil, a exemplo de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. No texto intitulado, “A poesia lírica testemunhal de Odete Costa Semedo: resistência, ancestralidade e identidade”, a professora Andréa Pereira Cerqueira destaca a importância da obra da escritora bissau-guineense Odete Semedo ao abordar temas relevantes, como ancestralidade, e o esmero de sua escrita. Andréa Pereira Cerqueira também tece significativas considerações, no texto “Chimamanda Adichie e sua literatura de resistência e combate”, sobre a obra dessa consagrada escritora nigeriana, em especial o romance *Meio sol amarelo*, e sua crítica ao colonialismo e aos estereótipos construídos sobre a África. Já no texto “O poder da escrita”, a professora Nathália Pereira Simões reflete sobre as relações de poder no campo da escrita, que consagra alguns e rejeita outros, como a literatura produzida por escritores negros e negras. Ela destaca o papel da escritora mineira Conceição Evaristo na crítica e combate a essas formas de segregação. Em “A Negritude como ligação entre diferentes formas artísticas”, a autora Karla Gushiken Nishijima, por sua vez, analisa os impactos do movimento da Negritude nas literaturas africanas de língua oficial portuguesa estabelecendo também uma conexão com a música, através do jazz. Já em “Brasil e a África Lusófona: uma relação em comum que vai além da Língua Portuguesa”, a mesma autora traça conexões entre a produção literária de escritores brasileiros, a exemplo de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, com escritores de Moçambique e de Cabo Verde. Karla Gushiken Nishijima ainda reflete sobre a necessidade de abordar em sala de aula aspectos da história e da cultura das populações negras no mundo, no texto “Longe de uma visão branca eurocêntrica”, assim como ressalta a importância da disseminação dessas memórias em espaços, como o museu, por exemplo. Já em “O insólito como forma de resistência”, a autora Andréa Pereira Cerqueira reflete sobre um estudo produzido por Maria Cristina Batalha e publicado na *Revista Brumal* sobre o romance *O quase fim do mundo*, do escritor angolano Pepetela. O professor Wellyson Gomes dos Santos, por sua vez, reflete, a partir do documentário *Cartas para Angola. Brasil e Angola: duas margens do Atlântico*, as literaturas africanas de língua portuguesa e a pós-colonialidade, no texto “Uma reflexão sobre a questão pós-colonial na literatura angolana”. Já em “O eu poeta e o eu homem comum, faces da poesia de Eduardo White”, a professora Priscila Finger do Prado analisa a obra do poeta moçambicano Eduardo White e seu caráter mais pessoal. A professora Luísa Carla Fontoura de Maia, por sua vez, no texto “Ser voz de quem ainda não é ouvido”, reflete sobre o combate ao processo de subalternização da escrita, a partir do trabalho da escritora Conceição Evaristo. Outra importante escritora brasileira recorrentemente mencionada é Carolina Maria de Jesus, dessa vez no texto “A singularidade da obra de Carolina Maria de Jesus”, de autoria da professora Martha Caroline Duarte de Brito Freitas, no qual destaca a resistência e os aspectos socio-históricos de sua obra. Em “A

construção da imagem dos moçambicanos na obra de Chiziane”, a professora Cibelia Renata da Silva Pires reflete sobre a obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane e seu caráter de denúncia ao colonialismo. Também com base no combate ao colonialismo, a partir da literatura moçambicana, o professor Alexandre Rodrigues da Silva, em “Reconstruir a tradição”, reflete sobre a produção de Mia Couto e oferece um plano de trabalho voltado para estudantes do ensino médio. Já em “Idas e vindas nos becos das memórias evaristianas”, mais uma vez a obra da escritora Conceição Evaristo é objeto de reflexão, dessa vez, proporcionada pela professora Isadora Pessoa Fernandes. No relato “A nação e a fala de si”, por sua vez, a professora Anselma Garcia de Sales analisa as estratégias de escrita da nação moçambicana na obra de Mia Couto. A mesma autora prossegue em sua reflexão sobre a produção do escritor moçambicano, destacando, entretanto, no texto intitulado “Colonialismo e pós-colonialismo em Mia Couto”, os impactos do colonialismo em Moçambique. Em “Descobrimos Carolina Maria de Jesus: a escritora do Planeta Fome”, a professora Maria Helena dos Santos Gonçalves escreve sobre a experiência de conhecer e de incorporar a obra da escritora Carolina Maria de Jesus na sua prática docente. Yasmim Fonseca Amaral, por sua vez, em “Algumas reflexões sobre a obra de Ana Paula Tavares”, analisa o universo feminino na obra desta escritora angolana. Outra importante representante feminina das literaturas africanas de língua oficial portuguesa, Odete Semedo, novamente é analisada, dessa vez, no texto “Odete Semedo: reflexões, inquietações e contribuições”, de Michael de Assis Lourdes Weirich. Já em “Pode a mulher negra falar?”, a psicóloga Aline Rocha Bezerra reflete sobre os processos de subalternização epistêmica que atinge mulheres negras, por exemplo, e destaca o papel da escritora Conceição Evaristo na reivindicação de espaços. O professor Lucas Neiva da Silva, por sua vez, analisa em “Da oralidade à prosa escrita de Paulina Chiziane” as relações entre as tradições oral e escrita na obra desta escritora moçambicana. Já no texto “A importância da literatura negra nos espaços de aprendizagem”, Flávia Khaerlen Forte Pessoa reflete a necessidade de inserção de autores negros, como Conceição Evaristo, nos espaços educativos. Para encerrar essa seleção de textos, mais uma vez Conceição Evaristo é mencionada, agora em “Conceição Evaristo: a “mitopoética” de si no discurso”, de autoria da professora Anselma Garcia de Sales, no qual analisa os processos de escrita de si desenvolvidos pela escritora mineira. Que os textos aqui reunidos sejam estimulantes para desenvolver novas leituras sobre os escritores e escritoras citados, que tragam pertinentes reflexões e que possam aprimorar ainda mais o trabalho docente em sala de aula ou em outros espaços formativos.

**Alex Santana França**

Conselho Editorial

## APRESENTAÇÃO

7

A Edição de dezembro de 2020 do Caderno Olhares Docentes, Eixo: Letras e Literatura, brinda à comunidade leitora da Revista África e Africanidades, com uma proposta de escrita provocativa e irreverente que tem como forte representação, a literatura que não romantiza opressões e que se coloca no fronte dos enfiamentos e dos engajamentos políticos. O que lemos nos atravessamentos discursivos e textuais dos escritos desta proposta são denúncias das violências epistêmicas estruturantes que silenciou muitos/as e privilegiou, nos espaços institucionalizados, a voz colonizante e colonizadora, subalternizando as histórias, as narrativas e as ancestralidades ao longo da história de constituição da sociedade. Nesse movimento, lemos nos diferentes olhares docentes aqui, em contextos de escolarização ou não, o repensar de ações didáticas em prosa, poesia e versos que protagonizam a África que fala sobre si e não apenas na voz ou no olhar do outro, mas fala também sobre a singularidade da produção intelectual brasileira, negro-brasileira e africana com seus repertórios diversos e multiculturais. A tradição oral também encena esses olhares quando nos aciona a refletir sobre o lugar de preterimento dado à oralidade e a marginalização de toda a sua complexidade epistêmica, fruto de um projeto colonial e que ainda reverbera no pós-colonialismo, que supervaloriza a escrita e a coloca como centro do julgamento de qualidade intelectual. Mas também faz o acionamento sobre as forjas das lutas, nas propostas embasadas nas pedagogias e epistemologias decoloniais como meio para o enfiamento às heranças culturais brancocêntricas e europeizantes. O instigante conjunto de textos que compõe este Caderno mobiliza uma sincronia de saberes que visibiliza vozes femininas de cunho ficcional e real e suas condições de ser mulher em um mundo patriarcalista que materializa discursos atemporais e universais e também anuncia, de maneira dessacralizada e desromantizada o papel do homem frente à poesia e do seu fazer poético na contemporaneidade. Pelo pouco dito, porque muito há de conhecer e dizer com o mergulho profundo aos textos, este é um convite-provocação para um conjunto de escritos que nos trazem possibilidades para a projeção de uma outra forma de ver o mundo e de construção de outros contextos de sociedade e de educação, ademais, as possibilidades também de diálogos rasurantes e de combates à naturalização de um mundo monocentrado que origina opressões e crueldades. Estamos em tempos e espaços difíceis, mas os nossos ancestrais já no ensinaram sobre a importância de mudarmos, de movimentarmos as ações para enfrentarmos as lutas por mudanças, aqui temos caminhos para essas ações... Que possamos retomar o passado para compreendermos o tempo atual e o que virá... Que Irokô (ancestral do tempo) no permita outros e melhores tempos!

***Aceite o nosso convite e boas leituras...!***

***Mariana Fernandes dos Santos***

Editora Responsável Literatura/ Letras

# PARTE I

## LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

## OLHARES DOCENTES

### O poder da escrita

**Nathália Pereira Simões**

Graduação em Letras- Português – Literaturas

Professora de Língua Portuguesa e Redação - Curso Super Medicina

9

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (1972), podemos entender o discurso como um sistema que estrutura o imaginário social de modo a exercer poder e controle sobre uma determinada comunidade. Assim, a literatura pode ser entendida como um tipo de discurso que é responsável por refletir e de certa forma moldar os comportamentos sociais. Ora perpetuando os interesses dominantes e mantendo a hierarquia, ora questionando e buscando modificações das estruturas de poder, mas, em todos os casos, os discursos nunca são neutros, pois pressupõe um viés ideológico.

O pensador ainda discorre sobre o conceito de normalidade visto como um comportamento socialmente aceito e influenciado pelas relações de poderes que classificam, ordenam e controlam os comportamentos individuais. Sendo assim, a literatura, durante muitos anos foi pautada em um referencial canônico pelo fato deste ser considerado o normal. Além disso, esses discursos tinham como interesse principal a manutenção do poder de uma elite cujos representantes eram homens, brancos e de classe média alta, tudo que fugisse a esses padrões era moralmente condenável e não era intelectualmente aceito.

Desse modo, ao longo da história, a literatura sempre foi pautada em uma postura racista e machista devido à constituição social, o que dificultava a possibilidade de pessoas negras terem a oportunidade de interlocução. Dessa maneira, a literatura afro-brasileira aparece como um contradiscurso ou uma tentativa de restituir humanidades antes negadas, visto que a escrita funciona



Escritora Conceição Evaristo. Foto: Divulgação.

como um mecanismo de manutenção de poder, como pontua a crítica feminista Djamila Ribeiro (2017).

Logo, a escrita da mineira Conceição Evaristo (2005), aparece como um instrumento de denúncia. A escritora entende esse ato como “forma de vingança, meio de ferir o silêncio imposto” e conseqüentemente denunciar a restrição de direitos que ainda assolam os povos negros e periféricos. Através de uma literatura que não se distancia da realidade, Conceição, busca quebrar com a hegemonia e o direito à linguagem, uma vez que ela é uma das barreiras mais significativas para se criar espaços de poder.

Fazendo uso criativo da marginalidade, como aponta Collins (2016), Conceição concede voz e espaço a humanidades antes negadas, afirmando o direito de existir e de falar não só das personagens, mas do que elas representam na realidade: mulheres, negros e periféricos. Contrariando a ideia de banalização do mal, na qual a realidade e os problemas sociais não mais chocam os indivíduos, os autores pertencentes a uma escrita afro-brasileira preocupam-se em delatar sentimentos não só da ordem individual, mas sentimentos esses que são coletivos, nesse sentido, a literatura funciona como denunciadora e porta-voz de grupos étnicos.

Portanto, a escrita de Conceição Evaristo, ao disputar o poder com uma escrita falocêntrica, coloca em destaque pessoas antes estereotipadas, além de se inscrever e possibilitar a outros autores adentrar em um corpus literário que durante anos renegou esse direito aos negros e mais especificamente às mulheres negras. Assim, por meio de uma representatividade, a história narrativa é retificada através de novas visões de mundo e um novo episteme cultural é criada.

#### PARA SABER MAIS:



COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Soc. estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lúcia Vassalo. Petrópolis — Vozes. Lisboa — Centro do Livro Brasileiro, 1972.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face.** In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.

## OLHARES DOCENTES

### Longe de uma visão branca eurocêntrica<sup>1</sup>

**Karla Gushiken Nishijima**

Graduanda em Letras - Universidade de São Paulo

11



Manifestações contra o racismo ocorridas em 2020 nos EUA. Foto: Divulgação.

O movimento *Black Lives Matter* (em português, Vidas Negras Importam), que teve repercussão global no ano de 2020 após o assassinato de George Floyd por um policial, nos Estados Unidos, além de lutar pelas injustiças e violência contra as pessoas negras também serviu para dar voz e reconhecimento a elas. Nas redes sociais, diversas postagens serviram para divulgar os mais variados trabalhos de pessoas negras; um passo importante para a inclusão e valorização dessa comunidade. Entretanto, há ainda muito que ser feito. Algo

grande e significativo seria a abordagem de conteúdos relacionados à história da população negra no mundo; do movimento da negritude; da arte e literatura negra e entre outros assuntos muitas vezes desconhecidos pelas pessoas.

O movimento da negritude, por exemplo, abrange e está relacionado a diversas matérias escolares como literatura e artes como o New Negro (ou “Negro Renaissance”), que foi um movimento artístico e literário; em história geral, poderia ser ensinado sobre as lutas contra o neocolonialismo na África durante o século XX. Em Moçambique, em especial, poderia ser citado a influência e importância de literatos como Noémia de Sousa, José Craveirinha e Virgílio de Lemos.

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Negritudes e Poesia Moçambicanas promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



Manifestações promovidas pelo movimento Renascença do Harlem entre as décadas de 1910 e 1930. Foto: Foto: PicClick

Além da abordagem nas salas de aulas, outra proposta interessante seria a construção de mais museus e espaços culturais dedicados à história e cultura negra. Ainda que existam, o número parece ser pequeno demais para um país onde mais de 50% da população é negra. Investir em espaços culturais e educativos nesse âmbito seria fundamental para educar e conscientizar a todos, além de oferecer representatividade e voz à população negra. Dessa forma, grandes museus (como o MASP e a Pinacoteca, em São Paulo, por exemplo) poderiam promover ainda mais exposições de e sobre pessoas negras.



Músicos do movimento Renascença do Harlem. Foto: PicClick

Por fim, o curso *Negritude e Poesia Moçambicana* foi uma oportunidade incrível de aprender mais sobre história e literatura, longe de uma visão branca. O surgimento e a história do movimento da negritude (saber sobre o movimento em Harlem, nos Estados Unidos, e em Paris, na França), assim como seus principais atuantes; a poesia moçambicana e sua importância na luta contra a neocolonização, mais os poetas que fizeram parte – e como seus poemas ainda são relevantes na valorização das pessoas negras e na luta contra as injustiças e preconceitos que elas passam; eram temas, em grande parte, desconhecidos para mim. Ter tido a oportunidade de aprender sobre isso foi importante, pois a conscientização sobre tais fatos trouxe a reflexão sobre como a reforma do sistema de ensino nas escolas de ensino básico e de ensino superior parece necessária. Como dito anteriormente, o ensino é extremamente baseado em valores e histórias da cultura de populações brancas, apagando e/ou tomando espaço para populações de outras raças e/ou etnias. Dessa forma, assim como eu tive a experiência, seria interessante se essas informações – entre outras – pudessem chegar a muitas pessoas.

#### PARA SABER MAIS:



DOMINGUES, Petrônio José. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.** – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan. -Jun. 2005.

SANTOS, Rubens Pereira dos. **A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude.** Diálogo com a poesia brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Ago. 2009.

## OLHARES DOCENTES

### Ser voz de quem ainda não é ouvido<sup>2</sup>

**Luísa Carla Fontoura de Maia**

Letras Português /Espanhol e respectivas literaturas

Professora de Ensino Médio - Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus

14

“As escritoras no mundo inteiro têm, de maneira geral, conseguido uma inserção no mundo literário que antes era impossível (ou improvável), graças, principalmente, ao talento e à exposição de um universo feminino complexo que não dá mais espaço para o mito da passividade, inferioridade e fragilidade da mulher.” (SILVA, 2014). Nessa citação podemos perceber que atualmente, as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço na sociedade, e a literatura é uma ponte para isso. Neste século, diversas negras assumiram seu papel social como sujeitos ativos na luta por igualdade, o que causa muita estranheza, se considerarmos que estamos no século XXI e a abolição da escravatura ocorreu no século XIX.



Escritora Conceição Evaristo. Foto: Divulgação.

Graças às políticas públicas a luta dos afro-descentes tomou corpo e voz, e uma das características é a ‘linguagem como mecanismo de manutenção do poder’ (RIBEIRO, 2017 p.14), isto é, através da escrita e leitura a realidade do preconceito vivido diariamente vai sendo denunciada e o negro começa a assumir seu papel social, merecido, porém não protagonizado factualmente, sendo subalternizado.

Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?*, tem como preocupação central o discurso hegemônico, pós-colonialista que ainda persiste, englobando a fala dos que não podem ser ouvidos ou não se fazem ouvir, conforme Almeida (2014, p. 12), conceitua subalterno, no prefácio da obra.

<sup>2</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribui ao se referir ao "proletariado", ou seja, **àquele cuja voz não pode ser ouvida**. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante."

A autora em sua retórica traz a reflexão que o subalterno sempre tem um intelectual que interroge por ele, entretanto "não é preciso falar sobre eles, uma vez que eles são capazes de se representar." (SOUZA, 2018, p. 27). Esse subalterno representa uma grande maioria que apenas recebe imposições do colonizador, entretanto, existe uma representatividade que luta pelo seu reconhecimento, tentando acabar com os diversos tipos de violência por ele enfrentados e, quem mais sofre são as mulheres com a violência de gênero: "Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade." Consoante a Spivak, Conceição Evaristo faz denúncias sobre violência de gênero através da literatura em sua "escrevivência":

É uma palavra que está profundamente marcada pela minha vivência, pela subjetividade de mulher negra. É uma afirmativa que tenta borrar um processo histórico de quando as mulheres negras, escravizadas, tinham entre suas funções contar histórias para adormecer a prole da Casa Grande. Hoje, a escrita da mulher negra não tem essa função de adormecer a Casa Grande. Pelo contrário, é uma escrita que incomoda, que perturba.

Entretanto, o subalternizado que Conceição apresenta nesse caso, é ela, suas vivências, pessoas conhecidas ou criações que surgiram através do saber ouvir e do imaginar. Ativista, ela tenta humanizar as personagens e não estereotipá-las (SILVA, 2014, p.1). Assim ela representa uma gama de mulheres esquecidas pela sociedade, a lavadeira, passadeira, cozinheira e dá voz a essas subalternas por meio de sua literatura, sendo então, representação.

A representação da escritora hoje é altamente relevante, uma vez que é tema de redação de vestibular e ENEM, mas principalmente, por denunciar a realidade das mulheres que não tem oportunidades que nem as mulheres brancas.

Produzindo uma literatura real e feminista de extrema importância social, Evaristo luta pelo fim da desigualdade de classe, gênero, cor e em suas memórias apresentam uma forma de resistência, sendo "uma escrita do ser negro no mundo." (SILVA, 2014, p.10), e com um pensamento complacente a Spivak (2014, p. 14): a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido (a) e isso, ela faz com propriedade ser voz do subalterno que **ainda** não é ouvido.

### PARA SABER MAIS:

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart *in* SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** UFMG, 2014.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala.** Letramento Editora. São Paulo, 2017.

SILVA, Márcia Maria Oliveira. As Mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. **II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades.** 2014: UFES. Disponível em: [file:///C:/Users/admin/Downloads/9491-Texto%20do%20artigo-23341-1-10-20150408%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/admin/Downloads/9491-Texto%20do%20artigo-23341-1-10-20150408%20(3).pdf). Acessado em 13/04/2020.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou A escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula** n.º. 21 – 1º semestre, p. 25-43, 2018.



## OLHARES DOCENTES

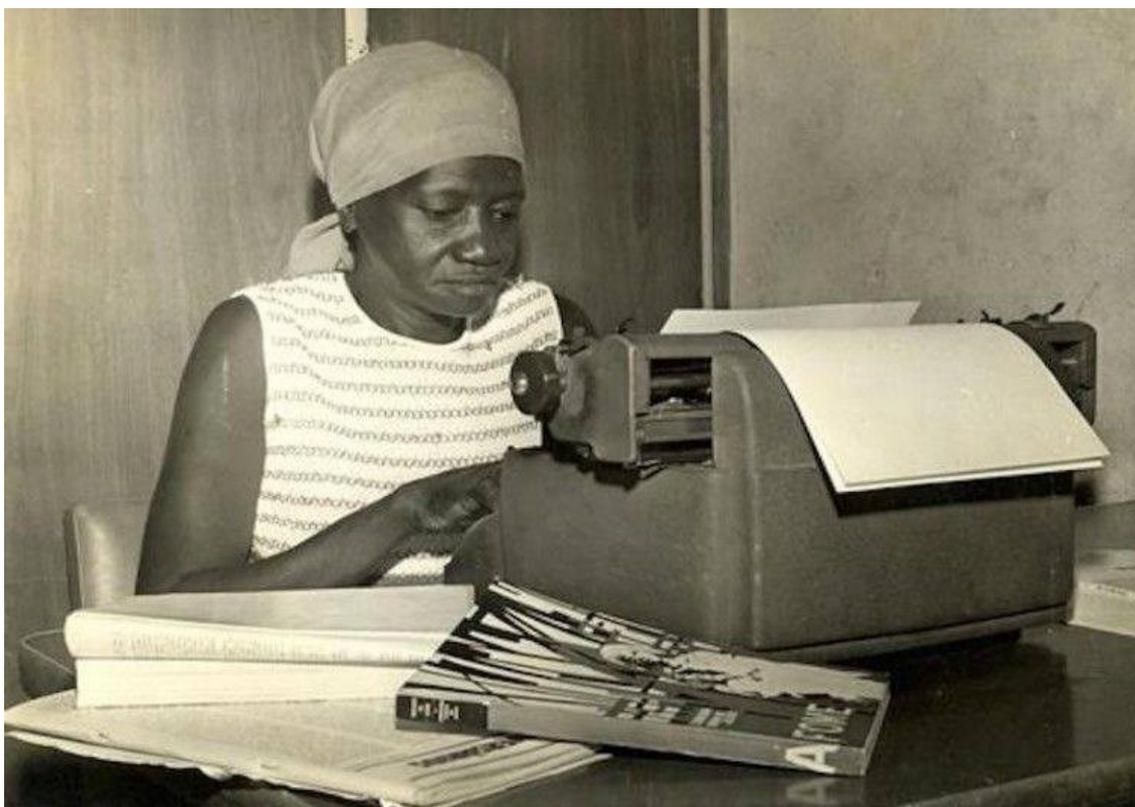
### A singularidade da obra de Carolina Maria de Jesus

**Martha Caroline Duarte de Brito Freitas**

Mestra em Cognição e Linguagem

Docente da Secretaria Municipal de Educação de Quissamã

17



Carolina Maria de Jesus. Foto: Divulgação.

A literatura de Carolina Maria de Jesus é forte, singular, símbolo de resistência, ou melhor, é a própria resistência vestida de identidade e realidade por meio das palavras.

Tais palavras que revelam o cotidiano da escritora enveredam por temáticas bem próximas do povo negro, tanto em aspectos históricos, quanto em âmbitos sociais e culturais, por exemplo: a escravidão, a fome, a vida em favelas, a desigualdade e também, ao mesmo tempo, a luta e desejo por uma vida melhor. Esse último aspecto apresentado pode ser visto e ouvido pelo relato de sua filha em uma entrevista: “com minha mãe era assim: passava-se fome, mas não deixava de estudar”.

Através de uma análise mais detalhada, é possível perceber que a própria Carolina Maria de Jesus se questionava a respeito de seu registro literário, que, até então, para ela não tinha chance de ser “literário” ou sem muitas chances de ser um material publicável (JESUS, 1993; BERGAMINI, 2020). Todavia, é justamente a singularidade dos seus escritos que evidencia uma “forte e única representação da dinâmica social urbana, vista pelo ângulo dos que são lançados à margem” (LAPA, 2020, p. 90).

Vale destacar que essa literatura representativa é alvo da crítica literária e do universo editorial, no tocante à legitimação da obra de Carolina Maria de Jesus. (LEANDRO & PACÍFICO, 2019). É necessário que haja uma reflexão sobre esse assunto, não somente em relação aos livros desta autora, mas também de tantos escritores e suas obras que não são consideradas como parte do campo literário por não se encaixarem nos dogmas dos cânones/clássicos.

Escritores negros precisam ser lidos, a literatura de mulheres negras precisa ser desbravada e ganhar espaço no território literário. Quanto à Carolina Maria de Jesus, confirma-se que sua obra tem força e não deve ser “despejada” em qualquer gaveta ou classificação/categoria: sua literatura reflete identidade, é representativa, é brasileira.

## PARA SABER MAIS

BERGAMINI, A. Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte. **Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 59, 595, 2020.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1993.

LAPA, F. J. S. Os processos diaspóricos até o Quarto de despejo: ecos dissonantes na escrita como resistência. A Construção identitária de Carolina Maria de Jesus. **Revista Aquila**. Nº 22. Ano X. Jan/Jun, ISSN: 1414-8846 | e-ISSN:2317- 6474, 2020.

LEANDRO, M. L. C. R.; PACÍFICO, S. M. R. A Legitimação e a Interdição da Política Literária em Carolina Maria de Jesus: Pode Uma Mulher Negra Ser Autor? **Revista Iluminart**. IFSP Ano XI nº 17 Dez. 2019.

### Vídeo

Rede TVT. **Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora**. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAF6o>



## OLHARES DOCENTES

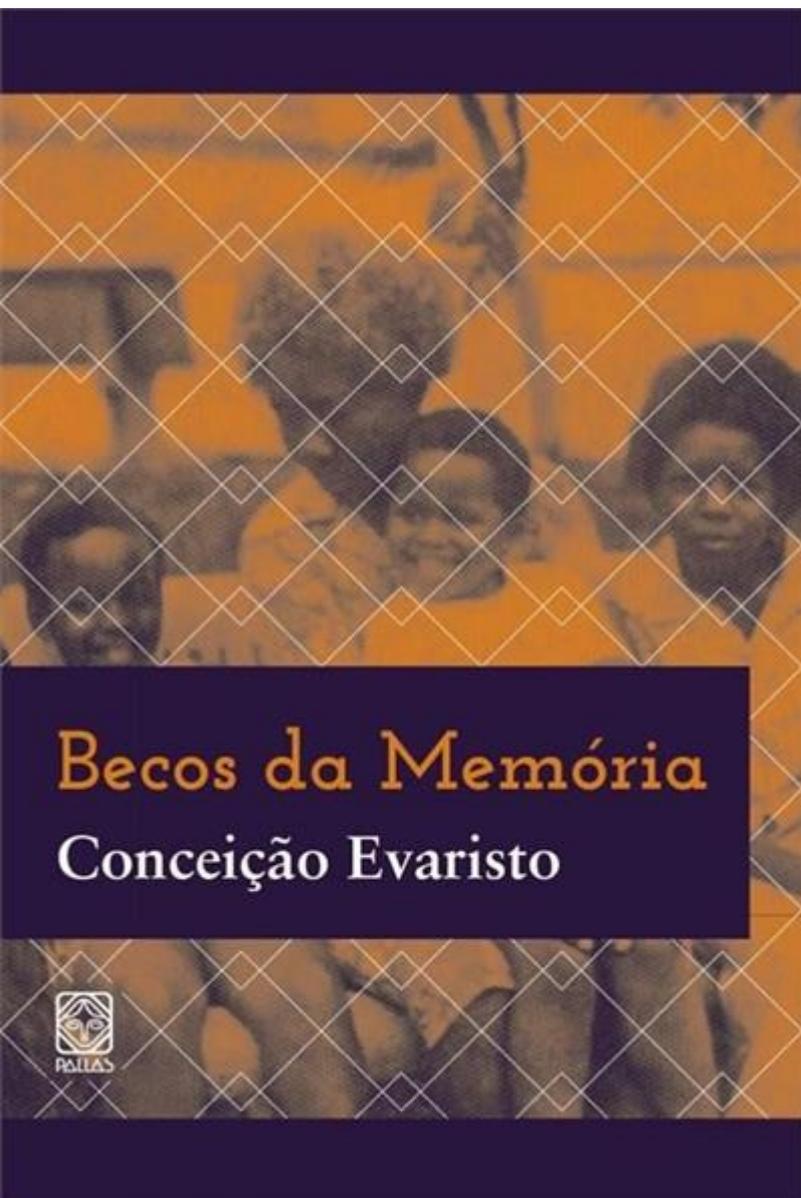
### Idas e vindas nos becos das memórias evaristianas<sup>3</sup>

**Isadora Pessoa Fernandes**

Mestranda em Literatura Brasileira pela UFF

Bolsista-pesquisadora e professora de idiomas

19



As escrevivências de Conceição Evaristo apontam para uma escrita que, preñe de conhecimentos que são oriundos de experiências de vida e não somente da epistemologia científica imposta pelo colonialismo, apoia-se grande parte em recursos como a memória para recuperar não somente um passado coletivo e comum entre sujeitos negros, como também para apontar especificidades individuais que, como a autora diseca, se refletem em um espelho de Oxum, revelando novamente essa coletividade. É por meio das memórias que observamos as redenções das personagens que podem, finalmente, ocupar espaço central em suas próprias narrativas.

Essa íntima ligação que a memória faz com os escritos é vista não somente por intermédio dos fragmentos dos personagens de seu romance *Becos da Memória* (2016), como em seus contos de *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016): as vozes parecem narrar um tempo distante, que ao mesmo tempo faz-se muito presente na vida de todas aquelas mulheres. É mediante ao revisitar das memórias que se faz possível a elaboração das

<sup>3</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

experiências vividas (EVARISTO, 2006): assim, a escrita pela memória passa a ocupar um espaço quase catártico em que as vivências podem ser revisitadas e, por fim, representar não somente a redenção, como também novos horizontes para aquelas personagens que, destarte, já não estavam engessadas em estereótipos típicos.

Em seu mais recente romance, Evaristo utiliza-se notoriamente de memórias das personagens para compor sua narrativa, apropriando-se dos acontecimentos notados por mulheres para visitar a trajetória de um homem.

Visibilizando as vozes femininas que ecoam as histórias masculinas, Evaristo apresenta-nos não somente a uma redenção para vidas atravessadas por violências, mas novos trilhos para uma literatura brasileira.

### PARA SABER MAIS:



EVARISTO, Conceição. **“Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Mazza, p. 2, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf> Acesso em 9 de maio de 2020.

PRATES, Cristina. Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo. IN: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 133-142. 2º sem. 2010. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4334/4481> Acesso em 9 de maio de 2020.

## OLHARES DOCENTES

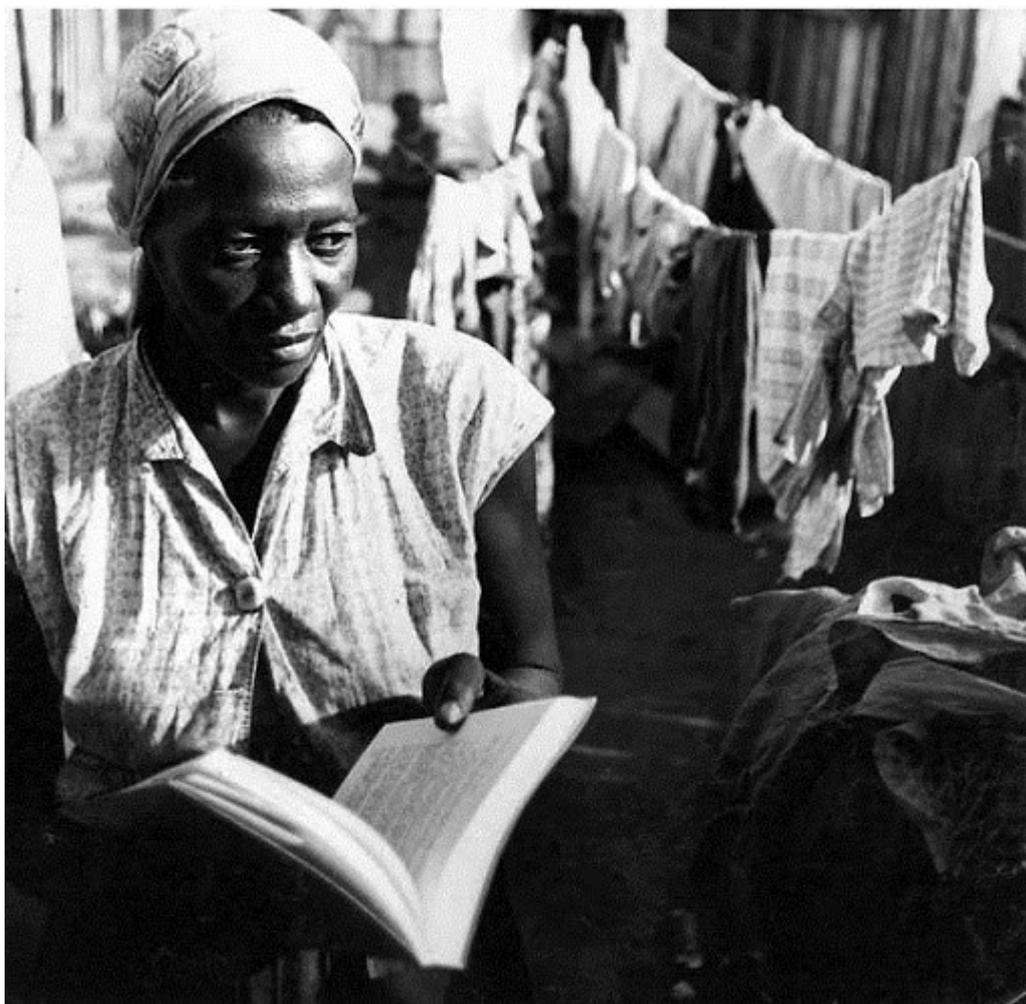
### Descobrimo Carolina Maria de Jesus: a escritora do Planeta Fome<sup>4</sup>

21

**Maria Helena dos Santos Gonçalves**

Graduação em Letras

Docente da Educação Básica



Escritora Carolina Maria de Jesus. Foto: Divulgação.

---

<sup>4</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Carolina Maria de Jesus, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

Sou professora de Português na rede estadual de São Paulo há 15 anos e professora de Sala de Leitura há 3, na rede municipal. Sempre trabalhei com projetos de leitura, mesmo que a cobrança seja por resultados em avaliações externas. Porém, faz pouco tempo que me voltei para a literatura de Carolina Maria de Jesus.

O primeiro contato foi por curiosidade, por ouvir falar que sua obra era importante. De onde veio essa informação? Não me lembro, mas não foi na Faculdade de Letras, em que estudamos o cânone literário e não a “literatura marginal” (a qual Carolina Maria de Jesus aparentemente não se encaixava). Também não foi em formação de nenhuma das redes de ensino. Li “O quarto de despejo” com interesse e prazer, sem interesse em análise ou de aplicar em algum projeto de leitura.

Então chegou o tempo. Esse em que nos colocamos na resistência e começamos a nos fortalecer para lutar contra o racismo, machismo, a violência contra a periferia e o movimento antieducação e anticiência. Estudar Carolina Maria de Jesus e apresentá-la aos alunos passou a fazer todo o sentido.

Como se faz uma escritora?

No artigo “Dar forma ao impúblicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte”, de Atilio Bergamini, aprendi que Carolina Maria de Jesus tinha um projeto literário. Não era uma mulher que escrevia um diário e foi “descoberta” por um jornalista e a partir daí fez sucesso por acaso. Ao encontrá-lo já escrevera poemas, peças teatrais e prosa de ficção. Seu projeto literário era se colocar numa tradição de autores escravistas, críticos do preconceito racial, que almejavam uma transformação social. Leu muitos escritores que considerou abolicionistas e afins a sua luta. Depois, leu outros autores, de diversas vertentes e ideologias, leu o que chegou às suas mãos. De certa forma, era uma escritora autodidata, movida por sua vontade de fazer ouvir sua voz de mulher negra e periférica.

A escrita de Carolina Maria de Jesus não era um registro espontâneo do dia a dia, mas havia uma preocupação em “tornar públicável o que ela considerava impúblicável”. Havia um trabalho estético com a palavra, uma procura de imagens e sons para retratar as condições de sobrevivência que igualavam seres humanos a bichos. Há traços da escola literária Naturalismo nesse “progresso do regresso”: a miséria tirando a humanidade das pessoas e as aproximando da vida de puro instinto dos animais. Como autora de literatura, criou símbolos como o “quarto de despejo”, o lugar em que a cidade despejava e amontoava seus restos – diga-se pobres e miseráveis.

Mas aproximar o projeto literário de Carolina Maria de Jesus a romances como “O cortiço”, de Aluísio Azevedo, pode ser apenas uma maneira de tentar encaixá-la no cânone. Talvez ela esteja mais próxima de Lima Barreto, pela origem, enfrentamento de preconceito racial, temas e estilo de escrita, que para alguns, era “descuidada”.

Não tinha um público, não tinha quem a ouvisse, quem a publicasse, foi ridicularizada. Sua trajetória me lembra a de outras artistas negras: Elza Soares

e Tula Pilar. Elza Soares conta em várias entrevistas que ela foi recebida no programa de calouros de Ary Barroso, malvestida, mas decidida a levar algum dinheiro para alimentar seus filhos: “De que planeta você veio? ”, disse o apresentador. “Vim do mesmo planeta que o seu, o PLANETA FOME”. Fome tão presente na vida e obra dessas duas artistas é apenas ficção para os senhores da “sala de visitas” das cidades do Brasil afora. Tula Pilar também, escritora, atriz, negra, impedida de estudar e escrever pois tinha que trabalhar, ainda criança, como empregada doméstica. A escrita, a música na televisão, os palcos aparentemente não são para as pretas que têm fome.

Nós, professores de escolas públicas, temos o dever nesse momento de tanta violência contra o povo, de estudar sobre os artistas, escritores e pensadores negros e integrá-los no nosso fazer pedagógico. Essa é uma das nossas formas de lutar para fortalecer nossos adultos, jovens e crianças por uma sociedade mais justa.

## PARA SABER MAIS



BERGAMINI, Atilio. Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte. *estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 59, e595, 2020, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n59/2316-4018-elbc-59-e595.pdf>. Acesso em 01/06/2020.

#Ep09 – **Empoderada:** Tula Pilar, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YJomL-J59B4>. Acesso em 01/06/2020.

LAPA, Fabiana Julião de Souza. 2020. “**Os Processos diaspóricos até o quarto de despejo:** Ecos dissonantes na escrita como resistência. a construção identitária de Carolina Maria De Jesus”. **Aquila**, nº 22 (janeiro), 77 – 93, disponível em: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/64>. Acesso em 01/06/2020.

RAMOS, M. L. C., M. R. Soraya, Pacífico. A Legitimação e a interdição da política literária em Carolina Maria de Jesus: pode uma mulher negra ser autor?, **Revista Iluminart**. n. 17 (2019) Acessível em: [revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br](http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br). Acesso em 01/06/2020.

Soares conta como foi a sua participação no show de calouros de Ari Barroso. Trecho do programa "Matador de Passarinho", de Rogerio Skylab - **Canal Brasil**, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9NV062or4oc>. Acesso em 01/06/2020.

## OLHARES DOCENTES

### Pode a mulher negra falar?<sup>5</sup>

**Aline Rocha Bezerra**

Psicóloga do IFPI

24



Conceição Evaristo. Foto: Divulgação.

Gayatri Chakravorty Spivak (Índia, 1942-) é uma teórica literária, crítica feminista e professora de Literatura Comparada e Sociedade na Columbia University, em Nova York. Seu artigo "Can the Subaltern Speak?" (Pode o subalterno falar?), publicado em 1985, é considerado um texto fundamental sobre o pós-colonialismo (GAGLIANONE, 2018). Nele, a autora faz uma crítica a intelectuais europeus como Foucault e Deleuze, que afirmaram que apenas os sujeitos subalternizados poderiam falar por si, devido às especificidades de suas pautas. Spivak argumenta que esse seria um movimento de não responsabilização com essas demandas, pois ao desprezar as diferenças sociais e de poder que sustentam o capitalismo, eles se omitem e não encorajam uma agência que permita que a voz dos subalternos seja ouvida (SOUZA, 2018).

<sup>5</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Conceição Evaristo, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

O fato do subalterno não ter um espaço para falar é fruto da violência epistêmica que ao longo dos séculos os transformou em simples objetos das projeções dos pesquisadores europeus e suas visões etnocêntricas. Por isso, Spivak preocupa-se sobretudo com a situação da mulher subalterna, que é duplamente calada: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras” (SPIVAK, 2010, p. 82).

Assim, Spivak (2010) reivindica sobretudo que o intelectual pós-colonial crie espaços para que o subalterno possa falar e para que seja ouvido enquanto fala (GAGLIANONE, 2018). É o que tem feito a escritora Conceição Evaristo (Brasil, 1946-) ao usar sua fala e a fala das mulheres negras para quebrar o silêncio a que elas têm sido sistematicamente submetidas (SOUZA, 2018). Em uma entrevista em 2018 a Oliveira (*Portal G1*, p. 01), Evaristo fala sobre essa dificuldade que a mulher negra enfrenta até que consiga ser ouvida:

Tudo para as mulheres negras chega de uma forma mais tardia, no sentido de alcançar tudo o que nos é de direito. É difícil para nós chegar nesses lugares. E eu fiquei pensando esses dias, quando foi que Clementina de Jesus aparece? Com mais de 60 anos. E a Jovelina Pérola Negra? A própria Ivone de Lara, quando ela vai ter mais visibilidade na mídia? E olha que estamos falando de produtos culturais que, entre aspas, “são mais democráticos”. E a literatura, que é uma área mais do homem branco, apesar do primeiro romance ser de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, as mulheres negras vão chegar muito mais tarde.

Mas apesar de todas as dificuldades, a escritura encoraja as mulheres negras a não desistirem, a mostrarem suas narrativas. Em outra entrevista, desta vez para a *Revista Carta Capital* (2017), Evaristo usa como símbolo desse processo de luta pelo direito de ser ouvida, a imagem da escrava Anastácia, sugerindo que é necessário falar pelos orifícios da máscara e falar com tanta potência a ponto da máscara ser estilhaçada.

Por fim, será que *pode a mulher negra falar?* Souza (2018) acredita que sim, desde que sua fala não faça coro às formas de representação do lugar hegemônico, colonial, patriarcal e machista, mas se dê por outros atravessamentos, como fez a escritora Conceição Evaristo.



### PARA SABER MAIS:

EVARISTO, Conceição. “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. **Carta Capital**, 13 de maio 2017. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 01 abr. 2020

GAGLIANONE, Isabela. Pode o(a) subalterno(a) falar? **O Benedito**, 22 out. 2018. Disponível em:

<https://obenedito.com.br/pode-oa-subalternoa-falar/>. Acesso em 01 abr. 2020.

OLIVEIRA, Elida. O momento presente pede novas narrativas, diz Conceição Evaristo, homenageada no

Enem 2018. G1, 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/enem/2018/noticia/2018/11/06/o-momento-presente-pede-novas-narrativas-diz-conceicao-evaristo-homenageada-no-enem-2018.ghtml>.

Acesso em 01 abr. 2020.

SILVA, Márcia Maria Oliveira. As Mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela. In: **Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades**. 2015.

SOUZA, Livia Natália. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. **Revista Crioula**, 21: 25-43, 2018.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

## OLHARES DOCENTES

### A importância da literatura negra nos espaços de aprendizagem

*Flávia Khaerlen Forte Pessoa*

Estudante de Letras Português – UECE

27



Conceição Evaristo. Foto: Divulgação.

A literatura sendo uma manifestação artística do ser humano, tem como uma de suas funções, repensar a realidade, tendo impacto diretamente na construção da sociedade. Uma sociedade que é alimentada por uma cultura euro ocidental desde muito tempo. O ensino brasileiro é deturpado para os alunos, não tem uma literatura negra sendo entregue, como tem a literatura em formato de euro ocidental. Partindo disso, a representação do negro na literatura sempre foi estereotipada, com base em força física, sensualidade, malandragem, sempre voltada ao negativismo. E a importância da inserção da literatura de Conceição Evaristo nos espaços formais, vai além da valorização da escritora, mas sim, muda a imagem já estereotipada do negro na sociedade. Logo, o pensamento vai se moldando no contexto em que é descrito. Porém, a literatura sempre foi lançada a elite, é quem tem acesso e quem pode ter o acesso. Os moldes da literatura foram produzidos na realidade dos brancos. O crescimento avançado das favelas no Brasil não foi interrompido porque o negro é ancorado ao seu passado escravizado, então, por que eles teriam direito? Portanto, hoje, mesmo que estejam nessa linha poucas obras, elas têm um valor e uma representação imensa. Pois a diferença ainda é grande entre obras de literatura negra e branca.

A obra de Conceição Evaristo pode trazer mudanças significativas nos espaços de aprendizagem, pois a literatura tem esse poder transformador no processo de conhecimento. Essa transformação gera uma nova conduta no meio social que ocupamos.

## OLHARES DOCENTES

### Conceição Evaristo: a “mitopoética” de si no discurso

**Anselma Garcia de Sales**

Doutorado em Letras

Professora - Fórum de Integração Cultural Afro-Brasileiro – FICAFRO

29



Conceição Evaristo. Foto: Divulgação.

Representar implica estabelecer uma confluência entre quem representa e o objeto ou sujeito representado. No caso da literatura de Conceição Evaristo – a autora enquanto representante, e sua obra, enquanto materialização de sujeitos representados, destacando-se nesse lugar as mulheres negras – a representação se assume sob o conceito de escrevivência, que consiste no despontar de uma outra possibilidade de escrita politicamente estabelecida que tem como propósito apresentar uma nova abordagem do eu que enuncia além de inaugurar, sob essa inédita elaboração, uma outra relação de compreensão do mundo. Nesse sentido, a escrevivência demarca um posicionamento da escritora, enquanto mulher e negra, sob a emergência de uma disposição autorrepresentativa, cujo protagonismo visa romper com o imaginário sexista e racista predominante na literatura brasileira até então. Desse modo, a escrevivência da mulher negra também se configura como um relevante instrumento de denúncia da “insistência cultural” que constantemente alimenta e forja estereótipos acerca do corpo feminino negro. Assim, a supressão desses estereótipos acerca da mulher negra, impostos pelas estruturas de poder que há tempos são patrocinadas pela ideologia da democracia racial, torna-se um

compromisso assumido por uma voz que agora detém o controle sobre sua própria fala. Por fim, a escrevivência de Conceição Evaristo reconstrói a epistemologia negro-brasileira a partir da assunção da “mitopoética” de si no discurso.

### PARA SABER MAIS:

30



BISPO, Ella et al. Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendência na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares, p. 52- 57, set. 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

## OLHARES DOCENTES

### Brasil e a África Lusófona: uma relação em comum que vai além da Língua Portuguesa<sup>6</sup>

31

**Karla Gushiken Nishijima**

Graduanda em Letras - Universidade de São Paulo

Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto são alguns dos grandes nomes do modernismo brasileiro que influenciaram os escritores africanos, assim como contribuíram para a literatura africana de língua portuguesa.



Escritor Manuel Bandeira



Escritor Jorge de Lima



Carlos Drummond de Andrade



João Cabral de Melo Neto

Deve-se, entretanto, fazer uma importante ressalva aqui. A admiração dos poetas africanos lusófonos pelos poetas brasileiros não se dá por causa de algum suposto compromisso que esses teriam com a Negritude ou com a poesia negra; mas, sim, pela estética da escrita, pelo conteúdo dos textos que pudesse causar reconhecimento nas paisagens, ou o reconhecimento entre as brincadeiras de infância entre os poetas brasileiros e os africanos. Para os intelectuais moçambicanos, o trabalho do alagoano Jorge de Lima teve uma aceitação tamanha. Em seu poema “O mundo do menino invisível”, a presença africana nos versos é constante. Já João Cabral de Melo Neto foi a admiração do poeta moçambicano José Craveirinha devido a forma como tratava as palavras em seus textos. Por fim, Drummond era também muito adorado em Moçambique e foi homenageado por diversos poetas do país – por exemplo, por João Maimona.

<sup>6</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Negritudes e Poesias Moçambicanas promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



Escritor João Maimona



Escritor José Craveirinha  
(1922-2003)



Escritor Corsino Fortes

É possível observar, portanto, que o movimento do modernismo brasileiro teve impacto não só em Moçambique, mas na literatura africana geral, pois, por exemplo, Manuel Bandeira foi o grande responsável pelo surgimento do importante movimento evasionista (ou pasargadista) em Cabo Verde. Nos versos de Bandeira, os cabo-verdianos identificaram paridade nas paisagens das ilhas, nas lembranças descritas, nas relações pessoais. Assim como Bandeira, Jorge de Lima também aborda as brincadeiras da infância, além de recuperar poeticamente o folclore, os costumes do povo humilde e as canções de ninar. Ele também aborda a África negra através de versos religiosos. Dessa forma, os poemas modernistas brasileiros inspiraram os africanos, como Corsino Fortes, que iniciou a busca por novas formas de expressão ao incorporar a modernidade poética das literaturas lusófonas. Pode-se, portanto, dizer que a literatura brasileira teve um papel fundamental para a formação da literatura - em destaque a moçambicana – ao despertar nos intelectuais africanos sentimentos de semelhança no conteúdo dos versos e admiração à forma de se escrever. Por fim, mais que falar a mesma língua, Brasil e a África lusófona possuem em comum muitos aspectos da vida cotidiana.

### PARA SABER MAIS



SANTOS, Rubens Pereira dos. A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude. Diálogo com a poesia brasileira. **Revista África e Africanidades** – Ano II - n. 6 - Ago. 2009. Disponível em

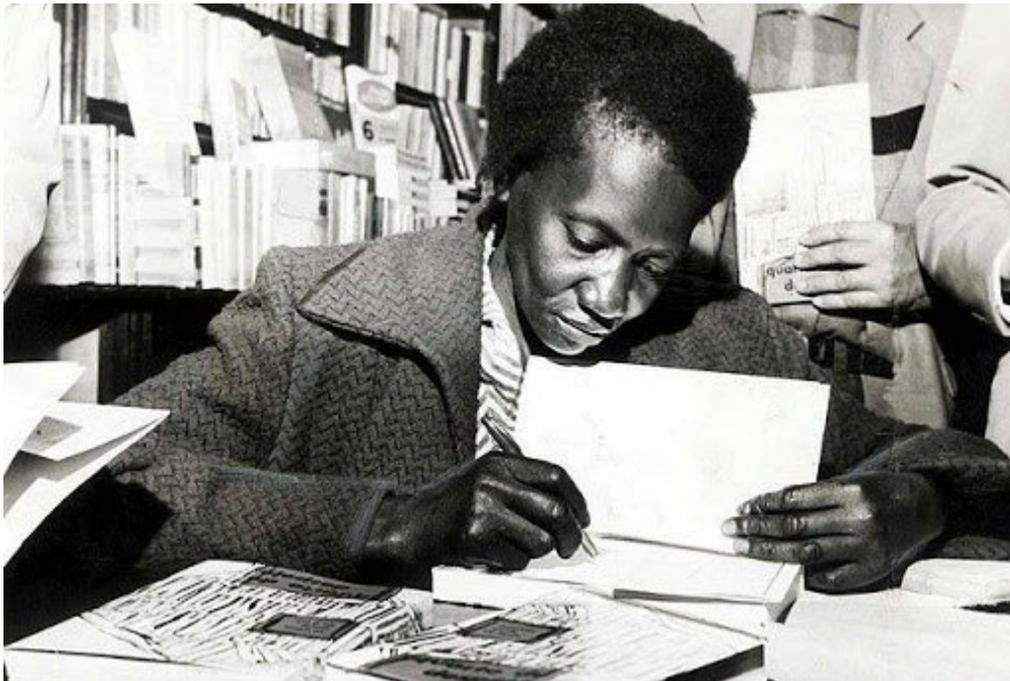
## OLHARES DOCENTES

### Literatura e Política

**Isadora Corrocher Santos**

Estudante de Graduação – USP

33



Carolina Maria de Jesus. Foto: Divulgação.

Da mesma maneira que a literatura pode romantizar crueldades presentes no cotidiano mundial, ela também tem o poder de denunciá-las, por isso, o universo literário é um fator político que demanda cuidados. Por muito tempo essa prática foi reservada à uma elite rica e branca que detinha das fontes de conhecimento, enquanto o pobre, negro e “favelado” era deixado de lado das condições dignas de vida – como alimentação, moradia, saneamento básico e educação.

Nesse contexto, surgem diversos autores marginalizados na tentativa de denunciar todas as situações cruéis a que foram expostos, assim, merece destaque Carolina Maria de Jesus: mulher, mãe solteira, negra e pobre; cuja escrita se mostra inovadora ao delatar a realidade marginalizada que vivenciava, a literatura romantizada da época havia sido quebrada e a elite era obrigada a engolir um cenário até então esquecido.

É justamente por quebrar esse padrão literário que as obras de Carolina se mostram tão importantes, contudo, mesmo com esses traços estilísticos tão expressivos advindos do fator memorialístico de seus livros, seu trabalho foi

deslegitimado e a autora morreu esquecida. Apesar das tradições excludentes da literatura canônica estarem longe dos padrões estéticos empregados por Carolina, isso não quer dizer que sua escrita é ruim, pelo contrário, ela é essencial, democrática e atual.

As marcas de oralidade, ausência de pontuação e acentuação e alguns desvios ortográficos de acordo com a norma culta não são argumentos válidos para descreditar as obras da autora, visto que são traços estilísticos dela que não alteram o objetivo da narrativa.

Mesmo com o discurso de democratização da literatura que ganha cada vez mais espaço e conseqüentemente, livros como os de Carolina também, as editoras só propagam essas leituras devido ao lucro das publicações. Se o público não possuir conhecimento e interesse acerca dessas leituras, elas nunca se propagarão.

Esses fatores anteriormente citados nos apresentam um cenário em que as oportunidades literárias são extremamente elitistas e, em nome de condições melhores, diversas personalidades usaram suas vozes para tomar um espaço de direito que nunca lhes foi concedido.

Portanto, conclui-se que a literatura é um meio político influenciador e que, por isso, é inadmissível deslegitimar escritas periféricas apenas por não pertencerem à elite literária visto que sua qualidade é inegável e que o conhecimento deve ser propagado de forma democrática.

### PARA SABER MAIS



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. RJ: Paz e Terra, 1969.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi Editora, 2014.

GARCIA, Rebeca Mendes. **O cânone e a literatura marginal de carolina maria de jesus: uma análise de quarto de despejo**. São Paulo: Revista Humanidades e Inovação, 2019.

LEANDRO, Michel Luís da Cruz Ramos & PACÍFICO, Soraya Maria Romano, **Revista Athena**, 2019.

TVT, Rede. **Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>. Acesso em 02 de junho de 2020.

## OLHARES DOCENTES

### Carolina Maria de Jesus, Presente!<sup>7</sup>

**Andreia Teixeira Ramos**

Professora substituta DA UFES

35



Carolina Maria de Jesus. Foto: Divulgação.

O contato com a literatura revolucionária de Carolina Maria de Jesus causou-me intensas inquietações, deslocando-me para reflexão de modo crítico a partir das leituras realizadas nesta aula. Quero destacar alguns aspectos de resistência e identidades presentes na obra da escritora Carolina, uma leitora voraz que escreveu sua literatura mergulhada em situações concretas de vulnerabilidade e racismo, vivenciando miséria, fome e violência. Uma escrita povoada de sensações, acontecimentos imprevisíveis, temporalidades. No seu livro “Diário de Bitita”, nota-se que Carolina teve uma vida de andariilha! Carolina Maria de Jesus, mulher, negra e pobre, viveu um processo de diáspora antes de ir morar na favela do Canindé, em São Paulo, comunidade onde ela escreveu seu livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Um livro escrito na década de 1950, que se atualiza nos nossos cotidianos em 2020.

<sup>7</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Carolina Maria de Jesus promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

Esta aula trouxe como primeiro texto para reflexão o artigo de Atilio Bergamini, nomeado de “Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte”, momento em que foi possível se aproximar “dos procedimentos estéticos que Carolina Maria de Jesus usou para tornar publicáveis, em “Quarto de Despejo”, materiais que ela considerava impublicáveis” (BERGAMINI, 2020, p.1). Com essa leitura, me avizinhei com os traços do projeto estético, ético, de intelectualidade e de criação artística existentes na escrita de Carolina.

Outra potente indicação foi o vídeo produzido em novembro de 2014, mês da Consciência Negra e Centenário do nascimento da escritora Carolina Maria de Jesus. Na ocasião, a Rede TVT conversou com a filha de Carolina, Vera Eunice de Jesus. Segunda Vera Eunice, sua mãe, foi uma pessoa pobre, e por ser muito inteligente e diferente, desde menina foi rejeitada. Carolina lia muito, estudou até o segundo ano primário e praticamente aprendeu a ler sozinha, ela lia tudo. Ela gostava muito de bailes, de carnaval, de dançar e de cantar. Com essa narrativa fica visível como Carolina reinventou seus processos identitários com resistência e com a arte da leitura e escrita.

No texto da professora Fabiana Julião de Souza Lapa (2020), intitulado “Os processos diaspóricos até o Quarto de despejo: ecos dissonantes na escrita como resistência. A construção identitária de Carolina Maria de Jesus”, mergulhamos no protagonismo da produção artística da literatura feminina de mulheres negras subalternizadas, como escrita marginal e de resistência. A escrita de Carolina mostra sua força e sua história de diáspora feminina e como isso constituiu os processos de construção de sua própria identidade. Carolina criou uma escrita revolucionária!

Nesse contexto, de acordo com Lapa (2020, p. 1), o feminismo negro deve ser pensado como um projeto democrático onde “mulheres negras usam a autorrepresentação como recurso de aproximação através das escritas de si, atuando para formar as expressões, antes silenciadas”, nesse sentido, com esse movimento é possível estilizar as vozes que foram historicamente apagadas e criar outras imagens de autorrepresentação, passando a ocupar os lugares identitários com narrativas literárias do tempo presente, com constantes estudos, na luta, no reconhecimento, na liberdade e na resistência.

O último artigo da aula é de Michel Leandro e Soraya Pacífico (2019), denominado “A Legitimação e a Interdição da Política Literária em Carolina Maria de Jesus: Pode Uma Mulher Negra Ser Autor?”. O texto aborda o funcionamento da política literária que legitima e/ou interdita a escrita de certas autoras de literatura, como foi o caso de Carolina Maria de Jesus.

Para Leandro e Pacífico (2019), com base nas ideias de Paulo Freire, a escrita de Carolina é como um ato político, uma escrita de resistência de uma mulher negra, pobre, favelada. Carolina foi uma sujeita-autora que quebrou a formação imaginária de autor (branco, classe média, com alto grau de letramento, intelectual e gramaticalizado), rompendo, assim, o conceito “fechado” de literatura. Desse modo, destaco a importância do sujeito-professor e sujeita-professora, em inserir nas suas aulas a literatura de mulheres negras com o intuito de combater o racismo que impera na nossa sociedade e que

deslegitima e interdita suas escritas. Assim, a escola pode ser um espaço de promoção de um projeto educativo emancipatório (GOMES, 2017) na luta pelo exercício de uma pedagogia antirracista.

Em tempos difíceis de Pandemia do Covid 19 e do descaso dos (des)governos, vamos caminhando de modo inquietamente, amoroso, exercitando uma pedagogia revolucionária de resistência e como prática de liberdade, uma pedagogia profundamente anticolonial, anti-imperialista, antirracista, compartilhando alegrias, amor e solidariedade na vida cotidiana. Continuamos na luta contra o racismo, em favor da vida digna para todos, todas e todes. As resistências continuam!

### PARA SABER MAIS:



BERGAMIN, Atilio. Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte. **Revista Estud. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 59, e595, p. 1- 13, 2020.

LAPA, Fabiana Julião de Souza. Os processos diaspóricos até o Quarto de despejo: ecos dissonantes na escrita como resistência. **A**

Construção identitária de Carolina Maria de Jesus. **Revista Aquila**. Nº 22. Ano X. Jan/Jun, p. 77-93, 2020.

LEANDRO, Michel L. C. R. L, PACIFICO, Soraya M. R. A Legitimação e a Interdição da Política Literária em Carolina Maria de Jesus: Pode Uma Mulher Negra Ser Autor?

**Revista Iluminart**. IFSP. Ano XI. Nº 17. p. 38-48. Dezembro/2019.

Rede TVT. Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora. 20/11/2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAF6o>>. Acesso em: 2 de junho de 2020.

## **PARTE II**

# **LITERATURAS AFRICANAS**

## OLHARES DOCENTES

### A poesia lírica testemunhal de Odete Costa Semedo: resistência, ancestralidade e identidade<sup>8</sup>

**Andréa Pereira Cerqueira**

Professora de Literatura - Colégio SEB Dínatos, DF

39

Muito além da Lei 10.639/2003, a literatura de Odete Costa Semedo não só nos traz uma história da África por tantos anos silenciada como também promove uma reflexão sobre ancestralidade, identidade e resistência. A poetisa guineense presenciou a guerra civil em Guiné-Bissau e transformou esse testemunho em uma poesia de denúncia em que desnuda os revezes e horrores dos conflitos. Esse engajamento não diminui o esmero do fascínio poético que ela provoca no leitor diante dos poemas de **No fundo do canto**, de 2007. Seus versos nessa obra sugerem a (re)construção de forma emblemática de uma nova nação, livre do subjugo colonial português. “*Em crioulo gritarei/ A minha mensagem/ Que de boca em boca/ Fará a sua viagem*” são versos que rompem o silêncio para “*que o mal antes vivida/ jamais se repita*” em qualquer do lugar da África e, principalmente, em Guiné- Bissau. Afinal, estamos diante “do livro mais triste” dessa nação.



Escritora Odete Semedo. Foto: Divulgação.

Sabe-se que a independência nos países africanos não criou nações para o progresso econômico e ideológico. Inclusive em termos de ideologia, muitas nações ficaram em busca de uma identidade e acabaram sendo palco de dor e sofrimento com as guerras civis que se desencadearam. É nesse contexto pós-independência que a literatura de Semedo representa um instrumento de

<sup>8</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Nacionalismo, Identidade e Resistência na Literatura de Odete Semedo.

resistência e busca pela identidade. O diálogo com o passado, o seu resgate permite uma revisão da história de um ponto de vista pessoal e, sobretudo, político. O instrumento de empoderamento da guineense utiliza é a linguagem. Em seus poemas, ela utiliza o *Krioul*, língua falada pela maioria da população, e a língua do colonizador, que é oficial, embora boa parte da Guiné-Bissau não domine. Ao utilizar a língua materna, burla a presença do colonizador e esse bilinguismo é uma arma de resistência. O português e o *Krioul* fazem parte do troco híbrido de sua condição.

Outra característica muito marcante em sua obra é a busca da identidade por meio da ancestralidade e na relação com o colonizador, o que é inevitável. No que diz respeito à ancestralidade, Semedo usa a estratégia memorialista para (re)afirmar a identidade de seu povo a partir de uma tradição oral. A oratura está presente na contadora de histórias e

m que ela se transforma, que conta aos ouvintes tudo que sabe sentada diante deles: “*Não te afastes/ aproxima-te de mim/ traz tua esteira e senta-te*”. Ela propõe um compartilhamento de experiências por meio da poesia de tradição oral, trazendo o passado e tornando-o presente. Dessa forma, ela faz uma *escrevivência* de suas experiências e de seu povo.

São muitas as descobertas e reflexões sobre a obra de Odete Semedo. Trazê-la para a sala de aula, para o nosso arcabouço de conhecimento literário é conhecer uma poesia lírica, não laudatória, que não canta as glórias, entretanto, abre espaço no silêncio e dá voz, nas palavras de Laura Cavalcante Padilha, ao “oprimido, marginalizado e sem chão no seu próprio chão.” Ela nos apresenta a sua voz que, por muito tempo, ficou à margem na sua condição de mulher dentro da sociedade pós-colonial, no cenário político pós-independência.

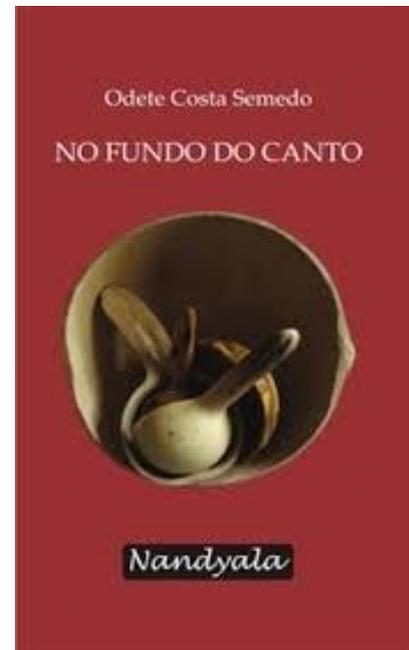
### PARA SABER MAIS



COSTA, Rayron Lennon e MORAES, Cláudia Letícia. O Levante da voz feminina Às margens do cânone: nacionalismo, identidade e resistência na poética guineense de Odete Semedo. In: **Revista Crioula**. n.21, p. 85-115. 2018.

NETO, Akiz. Poesia, criação estética de uma trindade: Kanguimbu Ananaz (Angola), Odete Costa Semedo (Guiné-Bissau) e Conceição Lima (São Tomé e Príncipe). In: **Contra Corrente**: revista de estudos literários e da cultura, n.7, p. 9-28, 2015.

SEMEDO, Odete da Costa. **No Fundo do canto**. Belo Horizonte: Nadyala, 2007.



## OLHARES DOCENTES

### Chimamanda Adichie e sua literatura de resistência e combate<sup>9</sup>

**Andréa Pereira Cerqueira**

Professora de Literatura - SEB Dínatos

41



Chimamanda Ngozi Adichie. Foto: Divulgação.

“A carne mais barata do mercado é a carne negra”, o verso da música “A carne”, na rouca voz da divina Elza Soares é uma reflexão sobre aqueles que fomentam a criação de estereótipos. Quantos países não elegeram cidadãos que seriam tratados sem direitos, criando uma espécie de seleção artificial calcada no racismo, na exploração capitalista, na opressão branca, no colonialismo e no atual imperialismo? É dentro desse panorama que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, com sua literatura, não somente mantém uma postura de resistência, mas, sobretudo, de combate à estereotipia que o ideal eurocêntrico construiu ao longo do período da Colonização Africana.

<sup>9</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à literatura de Chimamanda Ngozi Adichie, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



No caso específico da Nigéria, soma-se a Guerra de secessão de Biafra que vitimou a população ibó, da qual Adichie descende. Há vários tipos de preconceitos que precisam ser rompidos no pós-independência. Fala-se de algo vivenciado internamente hoje na nação e externamente na relação Nigéria-Mundo no que se diz respeito às questões de gênero e raça, por exemplo.

Amparada por um passado histórico, Chimamanda defende a ideia de que não se deve esquecer o que aconteceu para que se nasça um país mais justo. Em seu romance **Meio Sol Amarelo**, ela usa a recuperação da memória como uma estratégia narrativa, o que é uma forma de resistência e combate em um país que às vezes insiste em viver da “desmemória” e do esquecimento do passado.

Outro aspecto muito marcante na literatura adichiana é a (re)construção de uma identidade africana, porque durante muitos anos a Nigéria esteve sob o crivo de um modelo ocidental.

Essa visão do colonizador inferiorizou, exotificou e coisificou o africano, além de transformar o continente em um lugar inóspito, negativo e selvagem lugar. Essa imagem estereotipada que a obra de Chimamanda tenta desconstruir é fruto de um discurso de poder, representado por modelos etnocêntricos que guiaram as relações do mundo. O resultado disso é “a história única” que acaba por naturalizar as diferenças ao falar pelo outro, apresentar como padrão a sua própria estética em detrimento da outra e subordinar os demais grupos. Tudo isso também é uma forma de racismo cultural, pois negam-se as formas de existir dos povos colonizados.

Chimamanda intenciona romper com o silêncio, denunciar a passividade, o esquecimento e a alienação. Ela tenta desconstruir a imagem do africano estereotipado, alimentada pela mídia e passiva de piedade. Seu caminho percorre pela valorização da cultura africana e de seu povo, conduzindo-nos a uma reflexão crítica e de conhecimento do até então desconhecido, porque, em suas palavras, “A África não precisa da arrogância nem da pena de ninguém”.

#### PARA SABER MAIS



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. Tradução de Beth Vieira. Companhia das Letras, 2006.

MEDEIROS, Matheus da Silva. Estereótipos, Dominação e resistência: uma leitura de precisamos de novos nomes e Meio Sol Amarelo. In: **Língua, literatura e Ensino**, v.XIV, p.82-93, 2017.

NUNES, Alexandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: Trajetória intelectual e seu projeto literário. In: **Revista África(s)**, v. 3, n.5, p. 129-145, 2016.

THIBES, Luana Caetano e SANTOS, Daiana do Nascimento. A migrante africana: processos identitários e resistência no contexto contemporâneo. In: **Revista Communitas**, v. 1, n.2: Relações de poder e formas de resistência na educação e na literatura, p. 470-478, 2017.

## OLHARES DOCENTES

### A Negritude como ligação entre diferentes formas artísticas<sup>10</sup>

**Karla Gushiken Nishijima**

Graduanda em Letras - Universidade de São Paulo

43

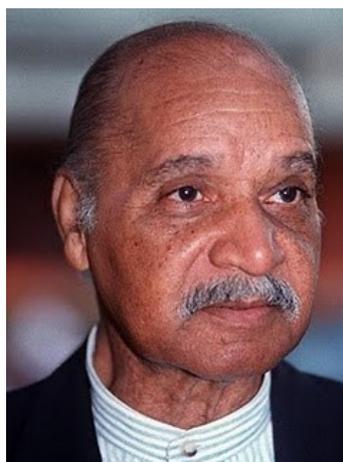


Músico Louis Armstrong (1901-1971) tocando trompete

A Negritude é definida como um movimento que luta pelo resgate do patrimônio negro e pela resistência contra o racismo. Algo que se faz presente e de extrema importância para o nascimento da literatura africana de língua portuguesa e, também, do jazz. Dessa forma, é possível não apenas associar essas duas formas de artes, mas também dizer que um teve como influência o outro.

Nas primeiras décadas do século XX, quando as literaturas africanas de língua portuguesa começam a tomar mais corpo e projeção, ficou marcado o tema da denúncia da opressão dos povos colonizados. Poetas moçambicanos como Noémia de Sousa e José Caveirinha são alguns dos principais nomes da luta contra a colonização e o imperialismo; e da valorização das pessoas negras e da África.

<sup>10</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Negritudes e Poesias Moçambicanas promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



Escritora Noémia de Sousa (1926-2002)      Escritor José Craveirinha (1922-2003)

Surgido no final do século XIX, nos Estados Unidos, o jazz é um gênero musical que nasceu para cantar sobre a condição marginalizada das pessoas negras do país e, também, sobre para denunciar a segregação racial que ali ocorria. Além de servir como uma voz de revolta dos negros estadunidenses, que eram escravizados, o jazz também atingia os negros africanos.

Pode-se, portanto, relacionar a literatura africana lusófona ao jazz uma vez que ambos possuíam o mesmo propósito: a dignificação da cultura negra. Dessa forma, ambos procuram reproduzir os conceitos da Negritude. Apareceram como uma luta a favor da liberdade negra, contra as desigualdades sociais e dominação que seus povos sofriam. Além disso, o jazz serviu não apenas como uma referência para escritores africanos, principalmente, poetas moçambicanos no quesito ritmo; mas também como uma forma de solidariedade e fraternidade, ao criar uma ligação entre aqueles que ficaram no continente africano e os que foram forçados a sair. Enfim, nota-se o cerne do movimento da Negritude em ambas as formas artísticas através da defesa do direito dos povos colonizados à independência e o enaltecimento da cultura negra, seja no continente americano, seja no continente africano. A Negritude, portanto, proporcionou união entre negros ao redor do globo mais que além do sangue, mas na cultura e na alma.



### PARA SABER MAIS

PINHEIRO, Mario do Carmo & MENDES, Silva Cardoso. O Jazz na Literatura Moçambicana da Negritude. In: SANTOS, Maria do Rosário; LESSA, Elisa Maria (Orgs). **Música discurso poder**. Portugal: Edições Húmus, 2012.

## OLHARES DOCENTES

### O insólito como forma de resistência<sup>11</sup>

**Andréa Pereira Cerqueira**

Professora de Literatura - SEB Dínatos

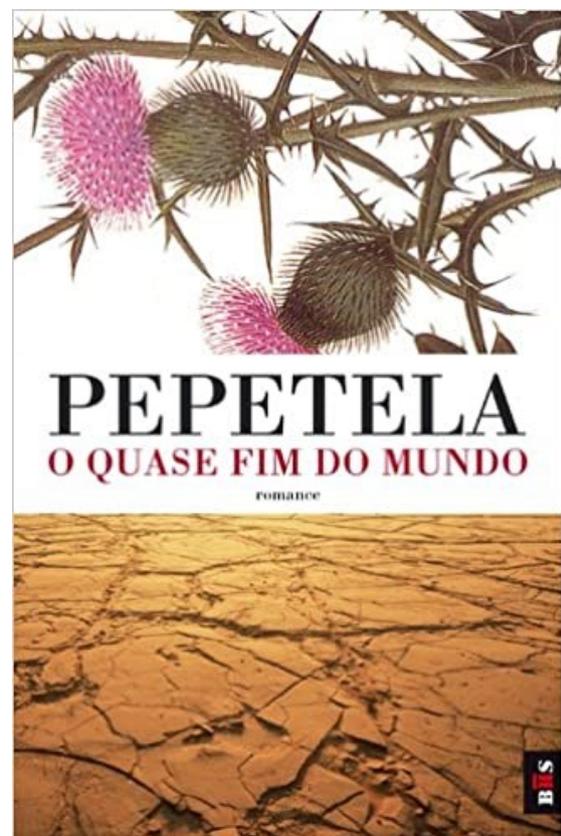
45

O presente texto traz uma simples reflexão sobre o estudo de Maria Cristina Batalha, publicado na Revista Brumal e intitulado *A Dimensão Alegórica em O Quase Fim Do Mundo*, obra do escritor angolano Pepetela. A autora faz uma análise de como o elemento fantástico na narrativa de Pepetela traduz uma forma de resistência às imposições sociais do homem contemporâneo. Nesse sentido, a autora afirma que o insólito, no caso da obra em questão (a ficção científica), produz uma subversão à ordem opressiva, provocando-lhe uma dissolução.

No romance de Pepetela, o hecatombe, suas causas e consequências colocam na berlinda diversas verdades que são questionadas, desestabilizando assim uma ordem outrora vigente e propondo uma nova visão, diretamente ligada à questão do pós-colonialismo. Nessa nova visão de mundo, que, na obra garantirá a sobrevivência dos personagens da catástrofe mundial e a perpetuação da humanidade, Pepetela revaloriza as diferenças culturais como requisito para a convivência entre os doze personagens da trama. Outro ponto de destaque é a fictícia cidade de Calpe, que ironicamente representará o recomeço de tudo, o lugar de reconstrução do

mundo. A ironia está sobretudo no fato de que o repovoamento do mundo começará justamente no continente africano, tão discriminado e oprimido pela hegemonia de outras nações. De forma precisa e clara, a autora do artigo nos prova que a fusão da cartografia com o insólito, inaugura uma nova era diferente para os povos africanos, que foram vítimas durante séculos do apagamento de sua história e de sua cultura. Ademais, sendo o romance uma alegoria, não se pode esquecer de uma reflexão muito marcante a que a obra nos conduz – o poder de destruição do homem. Tal poder é tão forte e tão intenso que pode levá-lo a destruir a si mesmo.

<sup>11</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Pepetela, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.



## PARA SABER MAIS



BATALHA, Maria Cristina. A dimensão alegórica em *O quase fim do mundo*, de Pepetela. **Revista de Investigación sobre lo Fantástico**. Vol. V, n.º 2 otoño/autumn, pp. 47-63, 2017.

PEPETELA: **O quase fim do mundo**. Dom Quixote, Lisboa. 2008.

## OLHARES DOCENTES

### Uma reflexão sobre a questão pós-colonial na literatura angolana<sup>12</sup>

**Wellyson Gomes dos Santos**

Mestrando em Linguagem e Sociedade pelo POSLET- UNIFESSPA

Licenciatura em Letras Português com habilitação em Inglês

Professor de Língua Portuguesa e Inglesa

47



Foto: Divulgação.

Achei pertinente pontuar sobre o documentário, Cartas para Angola. Brasil e Angola: Duas margens do Atlântico, a mesma língua, um passado colonial em comum e muitas histórias compartilhadas. Pessoas separadas por um oceano trocam correspondências -- alguns são amigos de longa data, outros nunca se viram e suas histórias se entrecruzam e contam sobre fluxos de migração, saudade, pertencimento, guerra, preconceitos, exílio, distâncias. A busca da identidade e o fio da memória são conduzidos pela linha da afetividade, que une as sete duplas de interlocutores que o documentário nos apresenta: pessoas que traçaram suas histórias de vida entre Brasil, Angola e Portugal. O documentário

<sup>12</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura Angolana, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

ressalta as desigualdades, os efeitos pós libertação de colônia, as belezas de Angola, embora enfrente uma falta de saneamento básico, as lutas contra o racismo, etc. Os outros artigos dialogam nas mesmas perspectivas, mas com pontos diferentes. A questão da identidade que foi roubada de muitos, a pobreza que assola o país, ficando mais claro as desigualdades.

É como Inocência Mata observa, as literaturas africanas de língua portuguesa participam da tendência – quase um projeto – de investigar a apreensão e a tematização do espaço colonial e pós-colonial e regenerar-se a partir dessa originária e contínua representação. Os significadores desse processo, que constituem a singularidade da nossa pós-colonialidade literária, são potencialmente produtivos: sinteticamente dizem respeito a uma identidade nacional como uma construção a partir de negociações de sentidos de identidades regionais e segmentais e de compromisso de alteridades.

## OLHARES DOCENTES

### O eu poeta e o eu homem comum, faces da poesia de Eduardo White<sup>13</sup>

**Priscila Finger do Prado**

Professora da UNICENTRO

49



Eduardo White. Foto: Divulgação

Na seleta de poetas africanos que escrevem em língua portuguesa, Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos, Eduardo White surge como um importante nome da poesia moçambicana. Sua poesia é pessoal e instigante. O poema “O que vocês não sabem nem imaginam”, Eduardo White cria um eu lírico que brinca conosco, por trazer para o poema o próprio nome de White: “Todas as manhãs tudo se repete.// O poeta Eduardo White se despede de mim// à porta de casa”. O poeta brinca

com a construção de si mesmo como homem trabalhador e de família, que precisa coexistir com o homem poeta. Essa coexistência aparece na metáfora da roupa que se veste de acordo com a ocasião de modo que o eu lírico só se veste como poeta para determinadas situações: “O poeta, visto- depois//e é com ele que amo//escrevo versos//e faço filhos”. Ao comentar os papéis do homem, é possível notar uma dessacralização da constituição do poeta como alguém diferenciado, especial, incompreendido, tal como pensavam os românticos, mas também se pode perceber certa crítica ao fazer poético na atualidade, especialmente em países subdesenvolvidos em que não é possível viver da escrita. A poesia de White se encontra em um outro momento da literatura moçambicana, de modo a apresentar outros temas e formas, que não as da fase nacionalista e engajada de José Craveirinha e de Noémia de Souza. Este parece ser o caminho para a consolidação de um sistema literário no país, mais autores

<sup>13</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019.

a escrever sobre temas diversos, publicando no país e fora dele e construindo uma comunidade de leitores cada vez maior.



50

### PARA SABER MAIS

FIGUEIRA, Paulo. Questões Pós-Modernistas em José Agostinho Baptista e Eduardo White. In: **Pensar diverso**. - Funchal: Universidade da Madeira, - ISSN 1647-3965. - N° 1, p. 75-93. 2010.

APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo. DÁSKALOS, Maria Alexandre. **Poesia africana de língua portuguesa**. Antologia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

## OLHARES DOCENTES

### A construção da imagem dos moçambicanos na obra de Chiziane<sup>14</sup>

**Cibelia Renata da Silva Pires**

Professora da EE Prof Almeida Júnior

51



Escritora Paulina Chiziane. Foto: Divulgação.

A literatura moçambicana é rica em qualidade estética, temática e ideológica. Pensar na literatura é compreender a relação dialética entre história e arte de um país que busca reconstruir uma identidade e a história de um povo que se perdeu.

A literatura de Moçambique pode ser considerada uma literatura memorialística, um testemunho vivo, com fortes vínculos com a história deste país. A obra de Paulina Chiziane discute a descolonização africana, denuncia o colonialismo e os efeitos deletérios que dele advém. Neste sentido, sua obra tem sido revolucionária porque colabora para um projeto de reconstrução de uma nova identidade do homem moçambicano.

Ao criticar a sociedade, as relações opressoras e o próprio sistema econômico, Chiziane abre espaço para se pensar na construção de uma nova

<sup>14</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Paulina Chiziane, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

sociedade, menos desigual, mais solidária. Usa-se a literatura para um enfrentamento político contra a estrutura de poder constituída. Ao desafiar e subverter a hegemonia do colonizador, este tipo de literatura atua como resistência política e cultural, recriando um imaginário identitário africano.

### **Por uma sociedade mais solidária, menos desigual**

A literatura, através de seu poder criador e ao mesmo tempo crítico, tem o poder de nos fazer refletir sobre grandes problemas sociais. Neste primeiro módulo do curso, pude entender que a obra literária, sem perder seu valor estético, pode ser considerada não apenas um instrumento de denúncia social, mas também um meio de valorização do patrimônio sociocultural.

Ao questionar o discurso hegemônico, muitas vezes racista, misógino e colonialista, a literatura torna-se um local de confronto em relação ao pensamento ocidental, combatendo as diversas manifestações de colonialidade, do campo político ao cultural.

Na obra de Chiziane, podemos observar que são problematizadas todas as formas de dominação política, econômica e cultural, onde os sujeitos passam a adquirir visibilidade e voz. Esses atores sociais, muitas vezes esquecidos pela sociedade, transformam-se na grande possibilidade de uma mudança social.

Como a literatura tem o poder de inventariar novos sentidos, colaborando para a construção de identidades e sentimentos de pertencimento, ela pode ser utilizada em sala de aula para incentivar abordagens mais críticas, debates reflexivos e posições de confronto sobre os mais diversos temas: empoderamento feminino, preconceito, racismo etc. A literatura, principalmente de um país que teve, assim como o Brasil, um passado colonial, tem o poder de nos apresentar novas possibilidades para velhos problemas.

Desconstruir o discurso dominante a partir da literatura é uma forma lúdica de repensar ou mesmo desnaturalizar certos conceitos que estão em vigor.

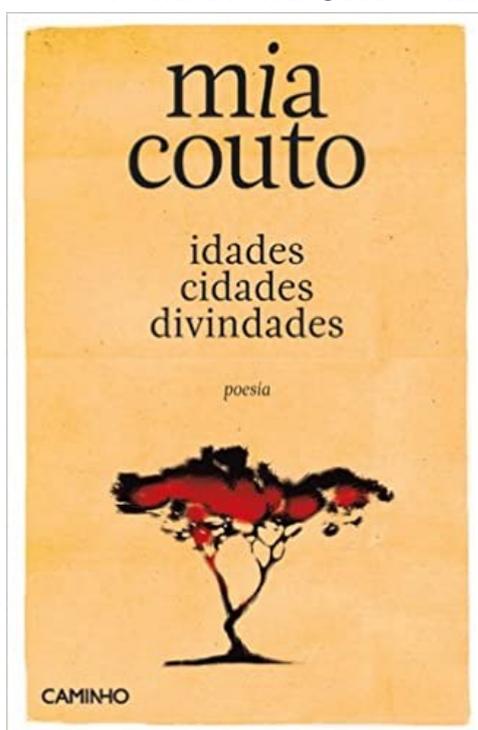
## OLHARES DOCENTES

### Reconstruir a tradição<sup>15</sup>

**Alexandre Rodrigues da Silva**

Graduação em Português, Inglês e Literaturas / Especialização em Literatura contemporânea / Professor de língua portuguesa e literatura - E.E. Prof. João Luiz de Oliveira e Colégio Dom Pedro

53



A obra de Mia Couto – tanto na poesia, quanto na prosa - é permeada

pelo debate do processo de colonialismo e do pós-colonialismo de Moçambique, sendo que o próprio reconhecimento e destaque internacional que o escritor alcança, acompanham o crescimento internacional do país.

Toda a produção do autor retrata e resgata as tradições históricas e culturais da nação, muitas vezes sobrepujada pela presença da tradição dos colonizados, que impõe suas marcas. Tentando apagar do povo dominado suas raízes, elemento tão importante para se combater a dominação cultural alheia. Para esse período, Mia Couto e suas obras mostram de que maneira a resistência moçambicana, desde a capital até às mais remotas aldeias, cultivaram e mantiveram suas tradições, narrativas, oralidades e características ancestrais.

No pós-colonialismo, a literatura busca mostrar de que maneira esse período de resistência foi importante e trouxe para o país uma nova forma de olhar e se posicionar diante do mundo.

Os desafios da desigualdade, das diferenças étnicas, da marginalidade social, continuam presentes no país e Mia Couto mostra a cada obra, cada poesia, a luta de Moçambique para não perder os laços com o passado – o passado dos seus mais antigos ancestrais, o passado de dominação – e ao mesmo tempo, usar a tradição para construir um país que cresça cultural, política e economicamente.

<sup>15</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

E em todo esse quadro, a literatura é dos mais importantes objetos de análise, crítica e divulgação das relações entre a população e sua reconquista de identidade, pois ela busca a história, a presença das origens e tenta apontar para um caminho de reconstrução.

A seguir, será apresentado um plano de aula desenvolvido para alunos do ensino médio:

### Plano de aula

#### Público-alvo

- 1º Ano do ensino médio

#### Objetivos

- Estimular leitura e a apropriação de textos literários, principalmente poemas;
- Desenvolver a compreensão sobre o conceito de intertextualidade;
- Estabelecer relações entre a poesia africana de língua portuguesa e a literatura brasileira;

#### Conteúdos

- Intertextualidade
- A poesia de Mário Quintana
- A poesia de Mia Couto

#### Tempo de desenvolvimento

- 4 aulas

#### Desenvolvimento

**1ª aula:** Definir a intertextualidade e sua importância na vida e na construção do texto literário. Dividir a turma em dois grupos e solicitar que cada um deles faça uma pesquisa sobre a vida e obra de um dos dois poetas estudados (a escolha será preferencialmente por decisão dos grupos – em caso de indefinição, o professor define o critério para estabelecer qual grupo trabalhará com qual escritor).

**2ª aula:** Ouvir de cada um dos grupos as informações, características, curiosidades e textos que colheram sobre o poeta estudado. Pedir que os alunos falem sobre como enxergaram o poeta apresentado pelo outro grupo.

**3ª aula:** Apresentar os poemas “**O Espelho**” (Idades, cidades e divindades), de Mia Couto e “**O Velho do Espelho**” (Apontamentos de história sobrenatural), de Mário Quintana. Ouvir os poemas – se possível, interpretados por dois alunos distintos – e debater as impressões que cada um deles provocou nos alunos.

Questionamento: *Quem eu vejo ao me olhar no espelho?*

Solicitar para a aula seguinte a produção de um poema ou pequena reflexão sobre o tema abordado.

**4ª aula:** Socialização dos textos produzidos – farão a leitura os alunos que se sentirem à vontade para partilhar sua produção e visão sobre o tema. Sugestão: O professor também deverá produzir seu texto e iniciar as leituras.

**Avaliação:** o trabalho apresentado possibilitou um novo olhar sobre a literatura desses autores e da temática abordada? Levar em consideração os textos produzidos e os debates realizados.

## OLHARES DOCENTES

### A nação e a fala de si<sup>16</sup>

**Anselma Garcia de Sales**

Doutorado em Letras

Professora Instituto de Educação Superior de Campinas- IESCAMP

56

A análise da escrita da nação moçambicana sob o olhar de Mia Couto pode ter como ponto de partida o fato de que essa escrita denuncia o assujeitamento do autor a contextos específicos a partir dos quais surge a matéria para a construção singular de um tipo de discurso literário. Assim, em Couto, o lugar discursivo ocupado pela literatura, a despeito de estar submetido a algumas regularidades, é inundado de sentidos híbridos cuja ambiguidade e, ao mesmo



Mia Couto. Foto: Divulgação.

tempo, fragmentação remetem à inconstante identidade moçambicana ainda em formação. Desse modo, ter a literatura de Mia Couto como objeto de ensino implica obrigatoriamente a adoção de um dispositivo analítico que considere a especificidade do percurso histórico daquela sociedade em discussão, como também sua conformação atual, ou seja, ensinar Literatura Africana a partir da obra de Couto significa assumir uma postura na qual o próprio texto se apresente como suscetível a produzir teoria e não o contrário. A exemplo disso, na análise do conto “A Fogueira”, feito por Yara Frateschi Vieira, os elementos divergentes, água/terra, mulher/homem, vida/morte, natureza/cultura falam por si através do arranjo da linguagem e do movimento que eles percorrem no tempo e no espaço, oferecendo dessa forma um jogo de sentidos construído na confluência entre objetos conflitantes. Na poesia, é possível encontrar de um modo ainda mais contundente esse encontro do léxico com o simbólico, em que conceitos como despedida, confiança, ternura, lembrança, lições e identidade apontam para as inúmeras fronteiras correspondentes ao embate entre o passado e o presente. Portanto, pensar em possibilidades didáticas a partir da prosa e, sobretudo, da

<sup>16</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

poesia de Mia Couto significa assumir esse repertório literário como ferramenta de tradução do Continente Africano, no qual a nação fala por si através da abundância do discurso direto, da hesitação subjetiva, do jogo de palavras e da percepção e experiência sinestésica do tempo e do espaço.

## OLHARES DOCENTES

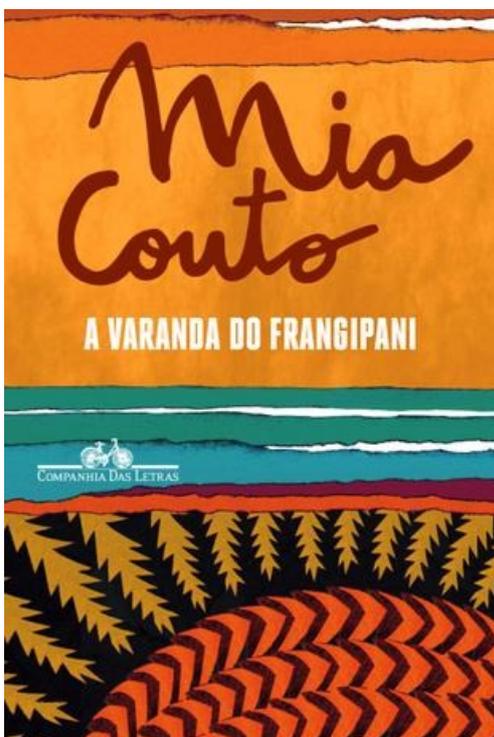
### Colonialismo e pós-colonialismo em Mia Couto<sup>17</sup>

**Anselma Garcia de Sales**

Doutorado em Letras

Professora do Instituto de Educação Superior de Campinas – IESCAMP

58



Pós-colonialismo e colonialismo correspondem a dois processos que estão em confluência, na medida em que a descolonização enquanto ação pós-colonial implica a obrigatória posição de enfrentamento da herança cultural.

Na lógica pós-colonial, esse posicionamento consiste numa atitude crítica e também prática que visa questionar o passado colonial ao mesmo tempo em que se propõe a lutar contra seus efeitos. Desse modo, a escrita literária assume para si o papel de mediação e tradução do passado colonial como disposição reformadora do presente, daí a literatura de Mia Couto, através da voz de suas personagens, denuncia o genocídio populacional e a consequente desesperança e descrença sobre o futuro, uma vez que as contradições resultantes da

violência cultural ainda interferem nas possibilidades concretas de obtenção da estabilidade. Como exemplo dessa dificuldade, o romance *A Varanda do Frangipani* apresenta como alegoria da nação moçambicana o asilo de São Nicolau. Este local, comandado pelo mulato Vasto Excelêncio, só pode ser acessado por meio aéreo, pois o acesso por terra encontrava-se impedido devido à presença de diversas minas terrestres que rodeavam o local. Apenas a velha Nãozinha conseguia pisar nesse chão, porque a leveza exagerada de seu corpo nunca seria capaz de acionar o mecanismo explosivo do artefato bélico.

Assim, Vasto Excelêncio e Nãozinha correspondem respectivamente à ação colonialista e ao alvo dessa ação, em que Excelêncio priva os idosos de comida sob a alegação de que a fome já se instaurara de um modo tão natural

<sup>17</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

em seus corpos que a comida poderia fazer-lhes mal. Por fim, a relação entre essas personagens reflete a permanência dos sistemas de inferiorização, e mesmo a paz já tendo sido instaurada fora dos muros da instituição, dentro dela nada se alterou.

Então na obra de Mia Couto, além desse exemplo de persistência da memória colonial, será possível encontrar, numa perspectiva pós-colonial, a junção de elementos do passado e do presente que resultam em personagens híbridas, cenografias multiculturais e fronteiras temporais e espaciais essencialmente fluidas.

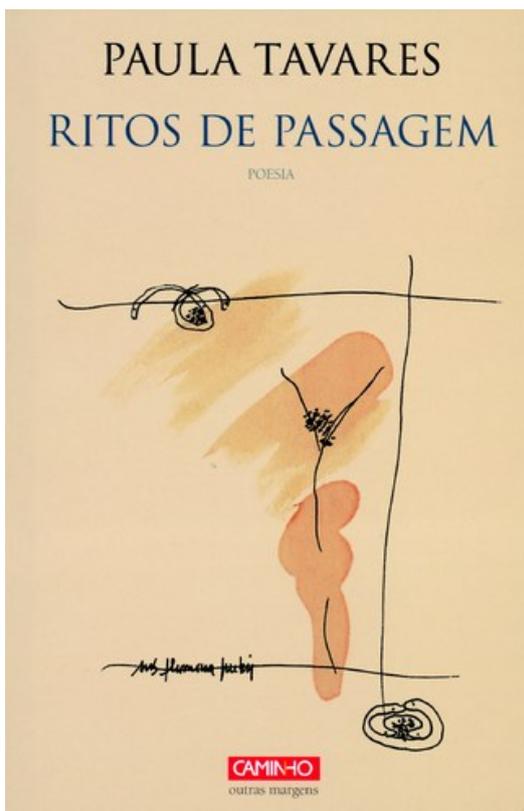
## OLHARES DOCENTES

### Algumas reflexões sobre a obra de Ana Paula Tavares<sup>18</sup>

**Yasmim Fonseca Amaral**

Graduanda em História – UFPA

60



Ana Paula Tavares apresenta uma nova perspectiva a respeito das mulheres Angolanas. Ao escrever sobre o universo feminino (rural) a autora revela, muito mais do que uma mulher idealizada na figura de mãe e esposa, mas trata dos desejos, das paixões, das ideias e dos prazeres. Na obra *Ritos de Passagem* (2007), através de metáforas utilizando frutas, como a manga, a autora trabalha o erotismo como ferramenta de poder para romper os silêncios que até então aprisionavam as mulheres. Nesta obra o prazer não é caracterizado como pecado, mas sim como instrumento de libertação.

A autora busca valorizar as figuras femininas representando as mulheres como sujeitos que lutam não somente pela sua liberdade individual, mas também pela liberdade de Angola. As vozes femininas se acendem e lutam contra as opressões que sofrem devido

ao colonialismo e ao patriarcado. Ana Paula critica fortemente a opressão a que as mulheres estão sujeitas no território angolano.

Através da leitura das obras de Ana Paula Tavares podemos compreender um pouco mais sobre as condições das mulheres angolanas durante a colonização. Pois tanto o colonialismo, quanto o patriarcalismo são formas de opressão às mulheres e seus resquícios ainda sobrevivem até hoje.

Como ferramenta na luta contra a opressão, Ana Paula Tavares faz uso do erótico como poder. Ela faz isso através da sua escrita evidenciando as vozes das personagens femininas que fogem dos estereótipos criados na literatura que

<sup>18</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Ana Paula Tavares, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

vinha associado a figura de mãe da nação que começava a se construir a partir da independência de Angola.

As obras nos fazem pensar sobre os anseios das mulheres angolanas frente a independência, o que estas mulheres angolanas almejam. Os poemas nos mostram que a liberdade é uma das necessidades mais urgentes, a liberdade sobre seus corpos e seus desejos. Pois como bem destaca a autora Juliana Goldfarb de Oliveira: “todo corpo reflete relações de poder, sobretudo no contexto erótico, cujas hierarquizações são ressaltadas pela exposição estante da sexualidade. Mas ao inverter o lugar de fala, também pode se constituir como espaço de subversão”. Então com a independência de Angola as mulheres ainda precisam lutar pela sua liberdade.

## PARA SABER MAIS



BARBOSA, Maria do Socorro Baptista; REIS, Francisco Brunno Carvalho. Representações Femininas e o Pós Colonialismo Em Dizes-Me Coisas Amargas Como Frutos, de Ana Paula Tavares. **Caderno Seminal Digital**, ano 23, nº 27, v. 1 (JAN-JUN) – e-ISSN 1806-9142, 2017.

MEURER, Idalina; SILVA, Agnaldo Rodrigues da. O Erotismo em Ana Paula Tavares, Marilza Ribeiro e Rita Lee: A Voz Feminina Despindo-Se Letra Por Letra, Verso Por Verso, Canção. **Revista Athena** ISSN: 2237-9304. Vol. 11, nº 2, 2016.

OLIVEIRA, Juliana Goldfarb de. O Erotismo Como Resistência Na Poesia Em Língua Portuguesa De Autoria Feminina. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, ISSN 2179-510X, 2017.

PADILHA, Laura Cavalcante. Guerra, poesia, estilhaçamentos – um olhar para Angola. **I Seminário Literatura, Guerra e Paz: discursos da memória**. Universidade de São Paulo, 2007.

TAVARES, Paula. **Ritos de passagem**. Lisboa: Caminho, 2007.

## OLHARES DOCENTES

### Odete Semedo: reflexões, inquietações e contribuições<sup>19</sup>

Michael de Assis Lourdes Weirich

62



Escritora Odete Semedo. Foto: Divulgação.

Sabemos que Guiné-Bissau é ainda um país muito pouco conhecido; está entre os países mais pobres do mundo segundo a ONU, contudo, através da literatura de Odete Semedo rompemos com esse paradigma e passamos a enxergar esse pedaço do continente africano com outro olhar. Seja por meio da prosa ou da poesia, os textos de Semedo nos convidam a conhecer as culturas que compõem o axadrezado étnico do país, levando-nos a inúmeras reflexões e inquietações.

Se o senso comum costuma retratar a África de maneira homogênea, a escrita literária dessa autora desconstrói essa ideia, mostrando que o solo africano é diversificado e plural. Mais do que isso: Odete Semedo produz uma literatura engajada, levando os leitores a descobrir uma Guiné-Bissau ausente nos noticiários e nos livros de história, com temáticas de grande importância.

<sup>19</sup> Texto produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura de Odete Semedo, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2020.

Num sentido global, a título de exemplo, a questão ambiental, o papel da mulher na sociedade, a valorização dos aspectos identitários e culturais, estão dentre as indagações feitas. Entretanto, devemos ressaltar que os textos dessa autora apresentam, ainda, um grau de subjetividade muito grande, isto é, apesar desses textos serem vistos como uma reprodução de assuntos relacionados ao círculo social, há, por detrás desses escritos, questionamentos filosóficos, existenciais etc.

Diante de tamanha complexidade, só nos resta aprofundar as leituras e buscar conhecer cada vez mais o universo criado por Odete Semedo.

63



### PARA SABER MAIS

Carta Maior. **Maria Odete da Costa Semedo, uma alma inquieta da Guiné-Bissau.** Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Maria-Odete-da-Costa-Semedo-uma-alma-inquieta-da-Guine-Bissau/12/11301>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Chá de beleza afro. **Conversa com Odete Semedo Guiné-Bissau.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fJjQSQv4alk>. Acesso em: 13 nov. 2020.

## OLHARES DOCENTES

### Da oralidade à prosa escrita de Paulina Chiziane<sup>20</sup>

**Lucas Neiva da Silva**

Mestrado em Letras pela UFJF / Professor efetivo da SEE-MG

64

Estudar sobre a primeira romancista moçambicana – reconhecida internacionalmente – tem sido uma experiência gratificante. A descoberta, eventualmente, desse curso trouxe-me a possibilidade de conhecer um pouco do trabalho de Paulina Chiziane. Logo no primeiro módulo, ao ler sobre o tripé no qual a prosa da escritora se estriba – memória, oralidade e representações do feminino – foi possível perceber como a sua literatura é um espaço de resistência e de afirmação de vozes que há séculos vêm sendo silenciadas.

Em entrevista ao programa Café Filosófico, Chiziane afirma que a tradição oral é, sobretudo, um lugar de afeto, onde os laços de família se estreitam. Dessa forma, as histórias contadas à beira das fogueiras constituem-se, para os moçambicanos, lugares de interação e, acima de tudo, de formação. Tais histórias, ainda segundo a escritora, podem ser repetidas inúmeras vezes. Porém, elas serão sempre novas para quem as ouve. É dessa contínua atividade narrativa – passada de geração em geração – que Paulina busca inspiração para a construção de sua prosa. Sobre isso, ela mesma afirma que participou de várias fogueiras e que teve uma vó contadora de história. Isso foi o suficiente para abastecer o seu repertório pessoal de histórias e, principalmente, para construir a sua identidade como escritora.

Esse estilo narrativo baseado em tradições orais reforça as identidades locais. De acordo com Lara (2015), “as narrativas das oralidades, de Moçambique, por Paulina Chiziane, são formas de contribuir para a construção da identidade cultural de seu povo, até então marcada pela ausência de narrativas literárias da memória nacional” (LARA, 2015, p. 41). Tal processo de descaracterização cultural é decorrente do processo de colonização, o qual deixou marcas profundas no país, no sentido de rejeição e inferiorização das



Paulina Chiziane. Foto: Divulgação.

<sup>20</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Paulina Chiziane, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

regionalidades. Dessa forma, como apontado anteriormente, as obras de Chiziane preenchem essa lacuna deixada ao longo do tempo, que é o apagamento de vozes locais na literatura.

Além disso, ao debruçar-se sobre histórias orais contadas por mulheres e, assim, representar personagens femininos prototípicos da realidade moçambicana em seus livros, Paulina evidencia as vozes das mulheres que são diariamente silenciadas pelas práticas misóginas daquele país. Ao colocar mulheres como narradoras, a autora, segundo Araújo (2018), “elabora um discurso feminino polifônico representado por várias de suas personagens, inclusive narradoras, que questionam o jugo patriarcal, não só moçambicano, mas de grande parte das sociedades do mundo todo” (ARAUJO, 2018, p. 341).

Diante do que foi apresentado, a obra de Paulina Chiziane revela-se como uma fonte consistente para trabalhar em sala de aula temas tão urgentes atualmente: a misoginia, questões de gênero e preconceito racial, valorização das identidades regionais e, no âmbito da análise linguística, estudar a oralidade e seus desdobramentos, principalmente para desconstruir o mito da superioridade da escrita em relação à oralidade. Como a própria escritora diz na entrevista citada no início desse texto, a oralidade não é um “lugar menor”. Pelo contrário, é o “primeiro lugar para qualquer ser humano.” Chiziane ainda complementa que “a tradição oral elogia a inteligência e não a força bruta, isso é, um chamamento para a criança aprender a desenvolver a inteligência, e isso é um valor universal.”

## PARA SABER MAIS



ARAÚJO, Flora Morena Marina Martini de. **Uma leitura feminista da obra Niketche: uma história da poligamia, de Paulina Chiziane.** Revista Vernáculo n.º 41. Paraná, 314 – 344, 2018. Disponível em < <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/53473> >. Acesso em 25/06/2020.

Café Filosófico. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX\\_7dDk](https://www.youtube.com/watch?v=WiLijX_7dDk) >. Acesso em 24/06/2020.

LARA, Eli Mendes. **Oralidades moçambicanas em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane.** Brasília, 2015. Dissertação de Mestrado. Disponível em < [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_b38ed2acf1ae77d0fb8742778ea6af56](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_b38ed2acf1ae77d0fb8742778ea6af56) >. Acessado em 24/06/2020.

## OLHARES DOCENTES

### Passado, memória e história em Paulina Chiziane<sup>21</sup>

**Lucas Neiva da Silva**

Mestrado em Letras pela UFJF / Professor efetivo da SEE-MG

66



Escritora Paulina Chiziane. Foto: Divulgação.

O mundo globalizado, na pós-modernidade, vive momentos de acelerados processos de aculturação. Tais processos de unificação cultural vêm sendo, mormente, empreendidos pelo Ocidente. Em virtude disso, diversas culturas mundiais diferentes do padrão ocidental estão sendo solapadas e, por vezes, desarraigadas. As que resistem padecem de uma voraz crise de identidade.

A despeito dessa situação, a literatura mostra-se como forte aliada na resistência contra a dita dominação cultural. É o caso, por exemplo, da literatura produzida pela escritora moçambicana Paulina Chiziane, na qual há a recuperação de narrativas tradicionais orais do seu país. Esse fato reaviva a memória dos mitos e das histórias que são constitutivos da identidade daquele povo, preservando, assim, o seu passado, a sua memória e a sua história. Assim, na prosa de Chiziane, histórias reais ou não, ganham a ficcionalidade necessária para produzir efeitos estéticos. Os legados narrativos da ancestralidade desabrocham em uma nova forma de contar o velho. Com isso, essas tradições são inseridas no novo contexto em que o país começa a trilhar: a

<sup>21</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Paulina Chiziane, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2020.

recém-independência. Para Lara (2018), nos romances de Paulina e de outros escritores moçambicanos, “as tradições orais próprias das zonas rurais constituem os saberes e as crenças locais, enquanto refletem a organização e relação social com a formação da nação de Moçambique” (LARA, 2018, p. 43). Dessa forma, o presente e o passado se dialogam através da literatura que surge na pós-colonização.

Ainda de acordo com Lara (2018), “Chiziane imbrica as oralidades ao imaginário para contar os pequenos contos orais inseridos na narrativa” (LARA, 2018, p. 43). Dessa narrativa, surgem vozes femininas das quais emanam uma outra questão recorrente à obra da escritora: o lugar da mulher na história de Moçambique. Ao trazer as vozes de personagens femininas, Paulina contesta e expõe a condição de ser mulher numa sociedade patriarcal. Mais do que isso, as suas protagonistas representam a mulher moçambicana da atualidade, da colonização e da pré colonização, ou seja, são mulheres atemporais. Assim, é possível dizer que estas questões problematizadas nos livros são de cunho universal.

Diante do exposto, é possível afirmar que a matéria-prima manuseada com destreza por Paulina Chiziane para a construção de sua prosa são as tradições orais. Tais tradições recontadas funcionam como um catalisador das memórias e das identidades do povo moçambicano. Assim, esse diálogo entre memórias e identidades contribuem para a reafirmação de uma história que não pode ser esquecida ou aculturada por outras, as quais lhes são alheias. Ademais, essa incorporação da narração popular na voz de mulheres narradoras proporciona também a crítica a certos costumes que, mesmo perpetuados por longos períodos, devem ser repensados e revistos a partir de uma nova consciência. A saber, a condição de ser mulher.

**PARA SABER MAIS**



LARA, Eli Mendes. **Oralidades moçambicanas em balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Brasília, 2015. Dissertação de Mestrado. Disponível em [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_b38ed2acf1ae77d0fb8742778ea6af56](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_b38ed2acf1ae77d0fb8742778ea6af56)>. Acessado em 24/06/2020